

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Direito e Ciências do Estado
Departamento de Direito do Trabalho e Introdução Ao Estudo do Direito

RODRIGO JUNIO SOARES

**ECOSSOCIALISMO CONTRA O PRODUTIVISMO BUROCRÁTICO: Uma crítica
ecossocialista ao stalinismo a partir das contribuições de Daniel Bensaïd**

Belo Horizonte

2023

RODRIGO JUNIO SOARES

**ECOSSOCIALISMO CONTRA O PRODUTIVISMO BUROCRÁTICO: Uma crítica
ecossocialista ao stalinismo a partir das contribuições de Daniel Bensaïd**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências do Estado da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para o grau de bacharel em Ciências do Estado.

Orientador: Gustavo Seferian

Belo Horizonte

2023

Em memória do amigo, companheiro,
militante e Cientista do Estado Guilherme
Campos.

Sua luta em defesa de uma sociedade
radicalmente justa, socialmente igualitária e
democrática seguirá viva em nosso horizonte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pelas conquistas que obtive durante toda a minha trajetória até aqui;

Agradeço a minha mãe Adriana Cristina Soares e ao meu pai Ronaldo Baptista Soares, os quais sempre apoiaram minhas escolhas profissionais e dedicaram suas vidas para que eu tivesse condições físicas e financeiras para acessar a universidade e permanecer nela. Sem o trabalho duro dos dois, o qual jamais poderei agradecer e retribuir da maneira como merecem, eu não estaria na universidade pública desbravando a complexidade do mundo. Pai e mãe, eu os amo com todas as minhas forças;

Agradeço ao meu orientador, companheiro de militância, mas antes de tudo, amigo Gustavo Seferian por ter sido o melhor orientador que eu poderia ter na graduação. Por ter me humanizado em toda a nossa relação enquanto professor e aluno, pesquisador e orientador, pela razoabilidade e flexibilização, por me proporcionar oportunidades incríveis de crescimento e aprendizado na pesquisa nesse percurso, por acreditar na qualidade do meu trabalho e na minha competência quando nem eu fui capaz de acreditar. Gustavo, você é uma pessoa iluminada e um presente na minha vida;

Agradeço ao meu amigo Gustavo Côrrea, no qual compartilhamos diversos espaços de militância, uma fraternidade bastante generosa e amorosa, que me deu grande suporte durante o desenvolvimento e produção desta pesquisa e por ser uma pessoa com a qual eu pude construir uma parceria acadêmica;

Agradeço ao professor David Lopes Gomes por toda a solicitude, por ser um professor que me abriu portas na extensão universitária, que sempre deu suporte ao alunado do curso de forma íntegra e por sua dedicação de maneira fidedigna com um perfil de curso de Ciências do Estado atrativo, independente e autossuficiente;

Agradeço ao amigo Pedro Gava, companheiro de militância do coletivo de juventude ecossocialista Ecoar no qual ambos fazemos parte e também estudioso de Daniel Bensaïd pelas trocas acerca do autor, bem como pelo trabalho irretocável através do blog Marxismo Revolucionário Internacional, onde ele e uma equipe dedicada traduzem gratuitamente textos de militantes marxistas advindos de uma tradição aberta e crítica, sob os quais se encontram

boa parte do acervo traduzido e disponível do Daniel Bensaïd no Brasil, acervo esse de fundamental importância para que eu pudesse realizar essa pesquisa;

Agradeço aos meus amigos da Aldeia do Santa Mônica em Belo Horizonte e também irmãos da comunidade de fé na qual congrego, Comuna do Reino, que durante esse período me serviram como uma rede de apoio e acolhimento, me ajudando a lidar com momentos de ansiedade, angústia, mas estando ao meu lado também nos momentos de alegria e comunhão. Gratidão Alexander Lúcio, Ester Soares, Francisco Junio, Iara Soares, Larissa Lorryne, Letícia Duarte, Nico, Renata Andrade, Ruth Isabelle, Walison Teixeira, Wagner Lopes e também aos meus pastores Fillipe Gibran e Thalita Rocha;

Agradeço, por fim, a todas as pessoas, militantes, que lutaram por uma educação de qualidade no Brasil, por uma universidade pública, democrática e universal. Sou o primeiro de minha família a entrar em uma universidade pública e federal. Essa não é uma conquista individual, mas sim coletiva. Devo muito aos que vieram antes de mim e contribuíram de modo que hoje houvesse mais condições para que pessoas que vieram do lugar de onde eu vim pudessem ocupar e cada vez mais subverter o conhecimento acadêmico. Nossas conquistas não nos foram concedidas gratuitamente e de bom grado, mas arrancadas sob o preço de muita luta. Que essa luta se mantenha viva nas gerações que hoje chegam até a universidade, pois ainda há muito o que conquistar. Que a universidade pública se expanda para cada vez mais ter cara de povo, servir ao povo e ser povo.

“A nova sociedade deve inventar-se sem manual de instruções, na experiência prática de milhões de homens e mulheres. [...] O socialismo não pode ser imposto de cima. [...] O que desmoraliza é o terror, não a liberdade” (BENSAÍD, 2017).

RESUMO

O presente trabalho pretende abordar uma crítica ecossocialista ao stalinismo a partir do trabalho teórico do autor e militante marxista francês Daniel Bensaïd. Por meio de uma revisão bibliográfica de uma coletânea de obras e textos do autor, os argumentos centrais dessa pesquisa estão fincados a partir de algumas conclusões basilares refletidas mediante a abordagem bensaïdiana: 1) o stalinismo deve ser compreendido como um fenômeno social produto das contradições sociais e materiais de toda uma sociedade, bem como os impactos de sua política no seio do movimento dos trabalhadores e a nível internacional; 2) a reação burocrática se valeu de uma conjuntura de crise econômica e de abastecimento dentro de um cenário onde a Rússia se encontrava devastada pela Primeira Guerra Mundial, a guerra civil, por meio da promoção de uma liderança baseada no carreirismo político e profissional, do mesmo que a falta de uma cultura democrática presente na sociedade e nas organizações; 3) a categoria de “produtivismo burocrático” é tomada por meio desta pesquisa como a que melhor qualifica de maneira robusta e detalhada uma ecocrítica ao stalinismo a partir das elaborações de Daniel Bensaïd; 4) não é possível pensar uma alternativa à burocratização, ao stalinismo e em conformidade com uma disposição ecossocialista sem se amparar de procedimentos democráticos dentro de uma gestão de Estado e, na defesa desse estudo, amparado por um Programa de Transição ecossocialista.

Palavras chave: Daniel Bensaïd; stalinismo; ecossocialismo; produtivismo burocrático; democracia

ABSTRACT

This present work aims to approach an ecosocialist critique of Stalinism based on the theoretical work of the French Marxist author and activist Daniel Bensaïd. Through a bibliographic review of a collection of works and texts by the author, the central arguments of this research are grounded in some fundamental conclusions reflected through the Bensaïdian approach: 1) Stalinism should be understood as a social phenomenon resulting from the social and material contradictions of an entire society, as well as the impacts of its policies within the workers' movement and at the international level; 2) bureaucratic reaction took advantage of a conjuncture of economic and supply crises within a scenario where Russia was devastated by the First World War and the civil war, promoting leadership based on political and professional careerism, as well as the lack of a democratic culture in society and organizations; 3) the category of "bureaucratic productivism" is taken through this research as the one that best qualifies in a robust and detailed manner an ecosocialist critique of Stalinism based on Daniel Bensaïd's elaborations; 4) it is not possible to conceive an alternative to bureaucratization, to Stalinism, and in accordance with an ecosocialist disposition without relying on democratic procedures within a state management and, in defense of this study, supported by an ecosocialist Transition Program.

Keywords: Daniel Bensaïd; Stalinism; Ecosocialism; Bureaucratic Productivism; Democracy

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IAEA - Agência Internacional de Energia Atômica

NEP - Nova Política Econômica

PC - Partido Comunista

PCUS - Partido Comunista da União Soviética

POSDR - Partido Operário Social Democrata Russo

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	14
2.1. <i>Marxismo</i>	14
2.2. <i>Leninismo</i>	16
2.3. <i>Trotskismo</i>	17
2.4. <i>Ecosocialismo</i>	19
3. CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO.....	20
3.1. <i>A Revolução de Outubro</i>	20
3.2. <i>A ascensão do stalinismo</i>	25
4. A CRÍTICA ANTISTALINISTA DE DANIEL BENSAÏD.....	28
4.1. <i>O stalinismo como um fenômeno social</i>	28
4.2. <i>O socialismo num só país</i>	30
4.3. <i>O confisco burocrático do poder</i>	32
4.4. <i>Contrarrevolução burocrática e termidoriana</i>	35
4.5. <i>O partido único</i>	40
4.6. <i>Considerações acerca da categoria de “totalitarismo burocrático”</i>	43
4.7. <i>O produtivismo burocrático e a questão ecológica no stalinismo</i>	48
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O QUE A CRÍTICA BENSAÏDIANA AO STALINISMO TRAZ DE CONTRIBUTO ECOSSOCIALISTA, AFINAL DE CONTAS?.....	52
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55

1. INTRODUÇÃO

Dada a realidade de uma pouca circulação das obras de Daniel Bensaïd¹, um repertório teórico pouco explorado e traduzido em nosso país, faz-se mais do que necessário divulgarmos, de antemão, uma apresentação digna de sua trajetória. Para tanto, uma das introduções que mais fazem jus à vastidão de seu trabalho e ingerência política está presente em um artigo sobre o autor escrito pelo Doutor em Direito do Trabalho e militante ecossocialista da Quarta Internacional Gustavo Seferian:

Filósofo de rara criatividade, em larga medida impulsionada por sua incansável preocupação revolucionária e ação militante, Bensaïd alçou com suas reflexões uma série de problemas à qualidade de temas de vida. Juntamente com a estratégia revolucionária e o partido, a temporalidade dos processos sociais, a crítica à cientificidade burguesa - seja em suas expressões positivas ou pós-modernas -, o enfrentamento às opressões desde uma perspectiva classista e a popularização da obra de Karl Marx, exsurge o tema da gênese, efetividade e instrumentalização dos Direitos Humanos - tomados aqui tanto aqueles civis, políticos e sociais - como um dos grandes objetos de investida de sua obra monumental. (SEFERIAN, 2020, p.106)

Em perspectiva aproximada, Émile Carmes, em um breve texto que aborda as convergências entre Auguste Blanqui, um revolucionário heterodoxo que viveu no século 19, e Bensaïd, acerca de uma abordagem não-linear da história e que rompe com pressupostos deterministas econômicos destaca:

Bensaïd's entire work is suffused with the idea that History is not a straight line obeying any kind of design (Aristotle's telos, St Augustine's City of God, Comte's positive age, Hegel's rational process, the final and universal revolution, etc.). It does not unfold mechanically, and has no conclusion. The Marxist militant, drawing on Blanqui, Benjamin and Marx (Bensaïd radically rejected the widespread idea that Marx was a dyed-in-the-wool champion of historical-economic determinism) left the door open to chance and hitches, the unforeseen and the random. (CARMES, 2018)

Seguindo na mesma linha dos intelectuais anteriormente citados, apresentamos através deste trabalho um Bensaïd multifacetado, que consegue combinar acúmulos de uma variedade de debates e perspectivas diante dos mais diversos assuntos presentes em sua bibliografia, desde a crítica ao capitalismo na modernidade - refletindo o Estado, o Direito, a religião, a globalização; por meio de reflexões filosóficas e profundas em diálogo com intelectuais de diversas matizes político-ideológicas; até as questões de ordem prática, materiais e

¹ Daniel Bensaïd (1946-2010) foi um filósofo francês marxista, teórico trotskista, militante cofundador da Liga Comunista Revolucionária (LCR), participou ativamente das manifestações de maio de 1968 em Paris e atuou como um quadro dirigente do Secretariado Unificado da Quarta Internacional (SU-QI).

estratégicas. Bensaïd combina de forma singular categorias dinâmicas de análise que criam elos entre essas temáticas e mantém suas obras vivas e atemporais. O seu trabalho intelectual e teórico, tal qual sua trajetória militante comunista possui a beleza e a sagacidade de inspirar as novas gerações a não se resignarem à pós-modernidade nem se desmoralizarem com o fatalismo neoliberal e em meio às tendências de mercantilização do mundo e da vida. Contudo, aponta para um cenário onde a revolução está no terreno das possibilidades concretas e a estratégia revolucionária deve ser resgatada dentro das organizações políticas para que se possa responder aos imprevistos do amanhã.

Neste trabalho, tenho como objetivo traçar um enfoque para o quanto a abordagem bensaïdiana não optou por abandonar uma crítica e contraposição ao que se deu enquanto o processo de contrarrevolução burocrática, termidoriana e de cunho produtivista no Estado soviético, como iremos aprofundar mais adiante. Portanto, apresento por meio deste recorte um posicionamento antistalinista na obra de Daniel Bensaïd, galgando consigo marcadores antiliberais, revolucionários, libertários e ecossocialistas.

É salutar tomar como ponto de partida, para o início deste capítulo, que as obras do autor Daniel Bensaïd revestem-se de uma multiplicidade de referências categóricas para buscar ilustrar, conceituar ou adjetivar o que significou e representou o stalinismo. O que fica perceptível ao adentrarmos mais a fundo em algumas dessas categorias é que elas não apontam para uma imprecisão ou confusão na compreensão do autor sobre o fenômeno do stalinismo em si, mas sim um referencial teórico que na crítica contemporânea e dos processos que se deram dentro da análise para com o objeto de estudo supracitado é plural e vasto, ao mesmo tempo em que necessita de uma delimitação maior em nossos estudos atuais de modo a recuperar e qualificar essas categorizações. Sendo assim, essas são categorias que se comunicam entre si, que apontam eventos, fatos históricos e sociais, assim como desdobramentos que são complementares e dialógicos. É nessa carga abrangente de referenciais categóricos que se alocou um grande desafio para o desenvolvimento desta pesquisa, mas que também pulsou, em contraste, a sua potência. Por isso, minha proposta é a de me debruçar nas categorias usadas por Bensaïd que mais despontam para um cunho de análise mais rigoroso e que abarque mais elementos de modo a nos permitir identificar com maior precisão as especificidades do stalinismo, nos marcos em que o autor se propôs a nos apresentar através de seus escritos.

O levantamento utilizado para o trabalho se deu por intermédio da revisão bibliográfica, na medida em que foi selecionada uma coletânea de obras e artigos do autor, buscando encontrar as sistematizações acerca do objeto de estudo nesses escritos. Os textos

selecionados foram: a) Nossa identidade comunista; b) Leninismo no século XXI; c) O partido e o período; d) Estratégia e partido; e) "Os saltos! Os saltos! Os saltos!" – sobre Lênin e a Política; f) O início de um novo debate: o regresso da estratégia; g) Trotskismos; h) Revolução socialista e contrarrevolução burocrática; i) Comunismo contra stalinismo; j) A Comuna, o Estado e a Revolução; k) Os irreduzíveis; l) Introdução Crítica À Introdução Ao Marxismo, de Ernest Mandel: Trinta Anos Depois; m) Marxismo Contra Totalitarismo; n) Frente Única e Hegemonia; o) Marx, O Intempestivo; p) A ecologia não pode ser dissolvida na mercadoria.

Durante esse processo, foi possível perceber que Bensaïd foi um autor que condensou a sua análise e crítica acerca do stalinismo em contato com outros autores que também se propuseram a levantar esse debate e estudar tal fenômeno. Sendo assim, levando em conta a própria limitação encontrada e nas lacunas presentes na abordagem de Bensaïd frente ao acervo que me foi acessível para leitura, me propus a estudar textos de outros autores com os quais Bensaïd se dispôs a dialogar na busca de melhor delimitar os conceitos aqui apresentados e explorados. Dessa maneira, esse estudo contém também elementos de análise complementares e dialógicos à teoria de Bensaïd desenvolvidos por figuras como Leon Trotsky, Vladimir Lenin, Karl Marx, Ernest Mandel, Moshe Lewin, Michael Löwy, dentre outros. Assim, buscarei sistematizar e apresentar por meio de um debate presente desde esse arcabouço teórico contributos para uma crítica ecossocialista ao stalinismo.

No primeiro capítulo, resgatamos as bases político-teórico-metodológicas presentes na abordagem bensaïdiana, nas quais também me filio, a bem dizer: o marxismo revolucionário, o leninismo, o trotskismo e o ecossocialismo.

No segundo capítulo, partimos de um estudo prévio acerca do marco do século que introduz nosso debate, que foi a Revolução de Outubro. Nesse apanhado teórico, me utilizo dos conceitos de: a) crise revolucionária, mediante as crises estabelecidas nas relações recíprocas entre todas as classes existentes naquela sociedade; b) a teoria do desenvolvimento desigual e combinado para apreender acerca do caráter econômico idiossincrático da Rússia pré-revolução; c) hipóteses estratégicas, em busca de especificar a aposta utilizada como ferramenta para desmontar o antigo regime e os poderes em conflito nesse terreno; e d) revolução permanente, identificando os aspectos em tensão de guerra e revolução, o internacionalismo, combinando elementos democráticos e revolucionários em um mesmo continuum de sublevação.

No terceiro capítulo, entende-se que fatores como: a) a falta de tradição democrática na Rússia; b) o país devastado pela guerra civil e a Primeira Guerra Mundial; c) as derrotas

das revoluções internacionais na Alemanha e Hungria; se tornaram elementos de vulnerabilidade para a sociedade soviética, ao passo que uma nova camada ascende ao poder do Estado e implementa uma política carreirista de administração e traça um violento modelo de repressão. Nesse intercurso, se forjam as condições de surgimento do stalinismo no Estado soviético, de modo que o autor vai defender que a virada na política burocrática e repressiva se dá a partir da década de 30, com a implementação do Plano Quinquenal, os expurgos e os processos de Moscou.

No quarto capítulo, exploramos a crítica antistalinista de Bensaïd a partir de uma vastidão de categorias apropriadas por ele para caracterizar e adjetivar esse processo. Os argumentos principais defendidos ao longo do capítulo se resumem a: a) O stalinismo é fruto de contradições sociais e materiais de toda uma sociedade e, logo, deve ser tomado enquanto um fenômeno social; b) a burocratização se deu em decorrência de uma sociedade devastada por duas guerras - a Primeira Guerra Mundial e a Guerra Civil pós Revolução de Outubro, o que gera uma dificuldade de articulação política da sociedade civil e por meio de uma promoção de lideranças enquadradas numa perspectiva carreirista de administração; c) sua doutrina passa por defender o “socialismo em um só país” e uma ideia ilusória que funde a esfera política e social e não reconhece as contradições do corpo coletivo nem a oposição e o contraditório; d) o stalinismo não se conforma enquanto uma continuidade natural e inevitável do leninismo e, por conseguinte, do marxismo, mas que o primeiro se constitui enquanto uma reação burocrática que representa retrocessos com relação às conquistas de Outubro e substitui o povo pelo partido único e a burocracia; nesse aspecto, entende-se que categorias utilizadas também por Bensaïd para caracterizar o stalinismo, a exemplo de “totalitarismo burocrático”, ainda que tomadas a partir de um uso crítico, são desfuncionais frente a elasticidade e esvaziado proveniente do seu uso vulgar pelos liberais; e) a categoria de produtivismo burocrático, sem prejuízo de outras também traçadas pelo autor e analisadas ao longo deste trabalho, abarca processos como a coletivização forçada, a industrialização acelerada, a urbanização brutal, o stakhanovismo, os desastres em Chernobyl e o Mar de Aral e serve como uma categoria que assimila de maneira mais objetiva e rigorosa uma ecocrítica ao stalinismo.

Na conclusão, recuperamos como a crítica de Bensaïd à burocratização encontra-se imbricada com o reforço de uma tradição democrática a ser cultivada e aprimorada nos organismos de base, nas instâncias partidárias e instituições do Estado, como também a defesa da ampliação das liberdades democráticas como princípio e política a ser adotada dentro de um Estado socialista. Ocorre que a defesa de métodos democráticos nas instâncias do fazer

político, para ele, são cruciais dentro de uma perspectiva que abarque e rompa com o stalinismo. Em conjunto, as reivindicações transitórias, amparadas pelas contribuições acerca do Programa de Transição, combinam tarefas chave para responder às questões urgentes do tempo presente, reivindicando palavras de ordem já trazidas por Bensaïd em seus escritos como ligando-as com outras demandas emergentes referentes às lutas sociais anticapitalistas e no tocante à emergência climática.

2. PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

2.1. *Marxismo*

Neste capítulo, pretendo apresentar as correntes teóricas, programáticas, políticas e metodológicas com as quais, assim como Bensaïd, me inscrevo para desenvolver esse trabalho. A começar, busco tratar da referência fundamental de análise, bagagem teórica, política e programática com a qual Bensaïd se filia para tecer suas análises e intervenções: o marxismo revolucionário.

Todavia, para partirmos do marxismo como uma ferramenta de análise teórica, política, programática e crítica é preciso, num primeiro momento, delimitar acerca de qual marxismo Bensaïd incorpora suas formulações e se forja enquanto um militante revolucionário. Ao dizer isso, reconheço que há uma gama de marxismos, no sentido plural, existentes, atuantes e com legitimidade própria. O marxismo é um campo de pensamento e ação que transpõe os escritos de Marx e Engels e que, por conseguinte, abarca uma infinidade de interpretações, figuras e correntes políticas.

Para Bensaïd (2020), a reivindicação do marxismo passa necessariamente pela luta de classes, por um projeto revolucionário de transformação da sociedade e, para isso, conta com a defesa e construção do comunismo enquanto um horizonte estratégico. Outrossim, em seus escritos de agitação, Bensaïd assinala que sua abordagem leva em conta que a defesa do comunismo está indissociavelmente ligada ao embate contra o stalinismo e os seus efeitos sobre o movimento da classe trabalhadora.

Mas por que o marxismo? Impecavelmente, Michael Löwy nos concede uma resposta a esse questionamento:

A primeira e talvez maior contribuição de Marx à cultura moderna é seu novo método de pensamento e de ação. Em que consiste esta nova visão de mundo, inaugurada pelas Teses sobre Feuerbach de 1845? A melhor

definição me parece ainda a de Gramsci: filosofia da práxis. Este conceito tem a grande vantagem de destacar a descontinuidade do pensamento marxista em relação aos discursos filosóficos dominantes, rejeitando tanto o velho materialismo da filosofia das Luzes — mudar as circunstâncias para libertar o homem (com seu corolário político lógico: o apelo ao déspota esclarecido ou a uma elite virtuosa) — quanto o idealismo neohegeliano (libertar a consciência humana para mudar a sociedade). Marx cortou o nó górdio da filosofia de sua época, proclamando (terceira tese sobre Feuerbach) que na práxis revolucionária coincidem a mudança das circunstâncias e a transformação das consciências. Daí decorre, com rigor e coerência, sua nova concepção de revolução, apresentada pela primeira vez em *A ideologia alemã*: é por sua própria experiência, no curso de sua própria práxis revolucionária, que os explorados e oprimidos podem quebrar ao mesmo tempo as “circunstâncias” exteriores que os aprisionam — o capital, o Estado — e sua consciência mistificada anterior. Em outras palavras: a auto-emancipação é a única forma de emancipação autêntica. Deste ponto de vista, a célebre fórmula do Manifesto inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores resume, em sua brevidade lacônica, o núcleo mais central do pensamento político marxiano: “A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores”. A revolução como práxis autolibertadora é simultaneamente a mudança radical das estruturas econômicas, sociais e políticas, e a tomada de consciência, pelas vítimas do sistema, de seus verdadeiros interesses, a descoberta das idéias, aspirações e valores novos, radicais, libertários. (LÖWY, 2004, p.22-23)

Um pouco mais adiante, Löwy acrescenta:

a filosofia da práxis de Marx é intrinsecamente hostil a todo autoritarismo, substitucionismo ou totalitarismo. De todas as manipulações, deformações e falsificações que o marxismo conheceu pelos zelos do cesarismo burocrático estalinista — que não é um “desvio teórico” mas um monstruoso sistema de monopólio de todos os poderes por um “Estado” (Stand) parasitário— aquele que se produziu neste nível foi sem dúvida o pior. (LOWY, 2004, p.23)

A obra de Marx, bem como a noção também defendida por Löwy que delimita o marxismo enquanto um canteiro de obras, no qual as contribuições acerca da sociedade capitalista e em defesa de uma sociedade sem classes, ou o reino da liberdade² permitem uma abrangente participação de intelectuais, militantes e teóricos posteriores à Marx e Engels, é um repertório teórico-prático indispensável na análise crítica da economia política do modo de produção capitalista, do Estado, do Direito, do fetichismo da mercadoria e sua conseqüente alienação, da exploração do ser humano na cadeia produtiva, da luta de classes, assim como a convocação de uma alternativa profundamente revolucionária, uma alternativa de sociedade socialista.

² O conceito de reino da liberdade em Marx traduz uma condição onde “o reino da liberdade só começa onde cessa o trabalho determinado pela necessidade e pela adequação a finalidades externas; pela própria natureza das coisas, desse modo, é algo que transcende a esfera da produção material propriamente dita.” Ver: MARX, Karl. **O capital, livro III**. São Paulo: Boitempo, 2017. p.883

Contudo, intelectuais como Bensaïd partem de uma disposição aberta para se pensar o marxismo, compreendendo que este não carrega consigo um manual de instruções para sanar a todos os problemas e nem leis universais a serem transpostas e decretadas para todos os povos e nações, de modo a libertá-los do jugo da opressão e da exploração sem levar em conta as particularidades e caminhos próprios traçados no curso da história dessas sociedades. Nesse preâmbulo, o marxismo tomado como referência pelo autor e a ser abordado para o nosso objeto de pesquisa, da mesma forma que para este que vos escreve, é um marxismo aberto, crítico, heterodoxo e herege. Tais abordagens revelam para nós uma proposição de marxismo, sob o qual Bensaïd subscreve seu aporte teórico e militante que, como bem descrito por Löwy. “é a ruptura radical com o cientificismo, o positivismo e o determinismo que se impregnaram tão profundamente no marxismo “ortodoxo” “ (LÖWY, 2017, p.124)

2.2. *Leninismo*

Durante o evento *Marxismo 2001*, em entrevista com Phil Hearse, Bensaïd (2023) demonstra certa resistência com o uso do termo “leninismo”, dada a sua apreensão de forma dogmática por muitos daqueles que o reivindicam, assim como devido a uma espécie de mumificação religiosa que acaba ocorrendo também nesse processo.

No entanto, o autor se propõe a debater algumas concepções presentes e defendidas por Lenin. Dentre elas, ele comenta sobre a inovadora distinção feita pelo marxista russo entre o partido revolucionário e a classe trabalhadora, que separa a esfera política da social, e que abre espaço para a possibilidade do pluralismo político.

Para mais, ele debate sobre a questão do centralismo democrático que, para ele, se distingue do centralismo burocrático presente no stalinismo. Na defesa de Bensaïd, o mais importante reside no conteúdo democrático do centralismo, abrangendo o espaço de deliberação coletiva e democrática que reúna consigo uma disposição real em se testar aquilo que foi decidido no ambiente organizativo. Em vista disso, ele se contrapõe a um leninismo meramente formal e parlamentar, que segue protocolos, mas que foge de sua aplicação concreta e viva na prática.

Além disso, em entrevista conduzida durante o “Simpósio Ernest Mandel” que aconteceu no ano de 2006 em Bruxelas, Bensaïd (2023) defende que não há antinomia entre centralismo e democracia, mas que ambos são condição para a existência um do outro.

Em um outro texto denominado “Estratégia e partido”, ao reivindicar Lenin, Bensaïd resgata a abordagem estratégica presente na concepção de partido revolucionário não se

apresentando como um partido pedagógico e educador das classes oprimidas. Nessa mesma linha, o autor conclama que, na proposta de Lenin, “o partido não deve se contentar com acompanhar e esclarecer a experiência das massas; ele deve tomar iniciativas, fornecer objetivos para as lutas, propor palavras de ordem que correspondem a uma situação e, em um momento dado, ser capaz de orientar a ação.” (BENSAÏD, 2023, n.p)

Segue-se, para além desses aspectos levantados, em seu texto intitulado “Os saltos! Os saltos! Os saltos! - sobre Lenin e a política”, Bensaïd (2020) se localiza numa abordagem leninista em contraponto a um posicionamento que dissocia a política das crises emergentes do tempo presente, de tal modo que aquela fica subordinada a um movimento mecânico de acumulação passiva de forças. Na leitura reivindicada pelo autor, a estratégia leninista se dá mediante “o tempo do momento oportuno e da conjuntura singular, onde se enlaçam necessidade e contingência, ato e processo, história e acontecimento” (BENSAÏD, 2020, n.p). Com efeito, as revoluções percebidas dentro de um viés leninista assumem para si uma temporalidade que lhes é própria, onde não estão presas dentro de um caminho que as levará ao progresso inevitável e que deve-se esperar passivamente pelo amadurecimento de suas condições, como entendido na estratégia do “socialismo a passos de tartaruga”, que trataremos mais adiante na análise e crítica ao stalinismo. Em contrapartida, as revoluções são forjadas carregando consigo aspectos de bifurcações, partindo do reconhecimento da imprevisibilidade da política e que, desta maneira, as condições são fruto dos embates decorrentes da luta entre as classes, como também das contingências que se desdobram materialmente.

Ao reconhecer isso, Bensaïd dialoga com um leninismo que se anuncia a partir de uma estratégia para as lutas em convulsão social, como orientador para a práxis política e revolucionária. Nesses marcos, a leitura e análise crítica estabelecida por meio deste trabalho recupera as diretrizes, assim como as bases políticas e estratégicas do leninismo presentes nos fundamentos teóricos de Daniel Bensaïd articulados com ousadia e abertura.

2.3. Trotskismo

Neste trabalho, me filio, do mesmo modo que a sua maneira Bensaïd também possuiu e reivindicou suas próprias referências teórico-políticas, a toda uma bagagem teórica-histórica e militante do trotskismo. Enquanto trotskismo, eu faço menção a toda uma tradição de militantes e intelectuais, espalhados pelo mundo, que reivindicaram e reivindicam as bases do marxismo revolucionário e que possuem como referência indeclinável na sequência de

elaborações consonantes com esses fundamentos a figura do marxista russo Leon Trotsky. A partir disso, o trotskismo, denominado inicialmente enquanto uma caricatura pejorativa cunhada pelos setores vinculados ao stalinismo, veio a se tornar uma tradição de militantes que requerem pressupostos teóricos e programáticos facilitadores na elaboração teórica e analítica da realidade e na intervenção prática perante as contradições sociais existe no modo de produção e na civilização capitalista. São eles: as teorias do “desenvolvimento desigual e combinado³” e da “revolução permanente⁴”, o “Programa de Transição⁵” de Leon Trotsky, a “frente única⁶” como tática de ação política e construção de unidades no seio do movimento de trabalhadores, a crítica e oposição ao stalinismo, assim como a construção da Quarta Internacional enquanto uma ferramenta estratégica internacional de organização política e articulação das e dos revolucionários. Essas categorias são, para Bensaïd, articuladoras do acontecimento a suas condições de preparação, das reformas à revolução embasadas por meio de uma relação dialética e não antinômica, tal como do movimento ao objetivo. (BENSAÏD, 2017)

Dentro do movimento trotskista, reconhecendo sua pluralidade de ideias de modo a assumir, tal qual proposto por Bensaïd, a existência de trotskismos, no plural, há uma diversidade de correntes e figuras que vão diagramar diferentes análises sobre as crises e convulsões sociais decorrentes do pós Segunda Guerra Mundial, e sobre como caracterizar e se posicionar com relação à burocracia stalinista na União Soviética. Há uma multiplicidade de argumentos, teses e caracterizações em disputa. Porém, algo a se destacar de grandes nomes que passaram pelo trotskismo histórico e que contribuíram profundamente com os seus debates e acúmulos é que, de Pablo à Castoriadis, Mandel à Cliff, Cannon à James efetua-se um consenso de que a Revolução de Outubro de 1917 foi autêntica, ao invés de um golpe de

³ Sob o signo de países carregarem consigo aspectos econômicos e contradições materiais que combinam características de dominação e dependência, aspectos de servidão, colonialismo, feudalismo, mas também de uma economia adaptada à sociedade de mercado, cabe não às burguesias o papel de lançar frente das tarefas de libertação contra as opressões instituídas pela ordem existente, mas sim às classes oprimidas, ao proletariado e ao campesinato derrotarem a barbárie sem ter que passar pelas etapas de um capitalismo desenvolvido, mas construir o socialismo em conjunto com a efetivação de suas tarefas democráticas. Ver: TROTSKY, Leon. **A Revolução Traída**. São Paulo: Editora Sundermann, 2020.

⁴ Para Bensaïd, “a teoria da revolução permanente era um esboço de estratégia global: a revolução começa na arena nacional (num país) e expande-se ao nível continental e mundial; ascende a um patamar decisivo com a conquista do poder político, mas prolonga-se e aprofunda-se numa “revolução cultural”. Combina, portanto, ato e processo, acontecimento e história (BENSAÏD, 2017, p.159). Ver também: TROTSKY, Leon. **A Teoria da Revolução Permanente: Balanço e Perspectivas**. São Paulo: Editora Sundermann, 2011.

⁵ Ao tratar sobre o “Programa de Transição”, Trotsky debate sobre a importância de reivindicações democráticas capazes de dialogar com as necessidades urgentes da classe trabalhadora em sua realidade material, assim como cumprir um papel pedagógico de educá-las politicamente para a inevitabilidade de uma revolução socialista para cumprir efetivamente todas as suas tarefas democráticas e alcançar a autolibertação frente as formas de opressão que as atravessam. Ver: TROTSKY, Leon. **Programa de Transição**. São Paulo: Editora Sundermann, 2017.

⁶ *Ibidem*.

Estado; assim como de um modo geral os trotskistas compreendem que há uma mudança qualitativa no regime na União Soviética a partir do primeiro Plano Quinquenal e com o grande terror dos anos 30, de modo a instaurar uma contrarrevolução burocrática. Sobre esse aspecto qualitativo, trataremos mais a fundo dele no capítulo subsequente. (BENSAÏD, 2008)

2.4. *Ecosocialismo*

A preocupação ecológica presente no bojo das elaborações de Daniel Bensaïd, em conjunto com as tradições sob as quais ele se filia dentro do marxismo, não está dissociada de uma dimensão ecosocialista. Aqui, para se apresentar essa proposição política me amparo de antemão nas formulações de Michael Löwy, que traz a síntese de que o ecosocialismo se apresenta enquanto “uma proposta estratégica, que resulta da convergência entre a reflexão ecológica e a reflexão socialista, a reflexão marxista.” (LÖWY, 2013, p.81)

Com isso, o ecosocialismo se opõe não apenas às propostas que se postulam a amenizar a crise ambiental e climática via reformas sociais pontuais e desenvolvimentistas de modo a promover uma espécie de “capitalismo verde”, como também tece críticas profundas ao modelo “socialista” soviético que no decorrer da ascensão do stalinismo se conformou a partir de um caráter acentuadamente produtivista, burocrático, autoritário e partindo de doutrinas incompatíveis com as bases teóricas, político e programáticas do próprio marxismo revolucionário, como abordaremos ao longo da pesquisa.

Nessa mesma linha, Seferian nos aponta para uma síntese necessária diante da práxis ecosocialista ao afirmar que:

Em sínteses gerais, o ecosocialismo se coloca como uma alternativa político-estratégica de caráter anticapitalista, afirmada por um conjunto de lutas sociais ao redor de todo globo e expresso em um corpo teórico que nutre profundas raízes no campo do marxismo — ainda que outras aspirações libertárias também possam se combinar a tal tradição — e da ecologia crítica. Tais lutas sociais servem de subsídio constitutivo necessário destes marcos teóricos, a elas ligados dialeticamente enquanto indutoras condicionadas. (SEFERIAN, 2019, p.35)

Logo, nossa crítica ao stalinismo, mediante as formulações de Daniel Bensaïd não se traduzem somente enquanto uma crítica marxista, leninista e trotskista, mas, sobretudo, uma ecocrítica ao stalinismo, na qual tomaremos como seu ponto nevrálgico o entendimento desta crítica ecosocialista enquanto a convergência de uma crítica-reflexiva anticapitalista, marxista, ecológica e libertária do nosso tempo construída a partir de uma unidade dialética entre pensamento e ação, ou seja, da práxis revolucionária e que se encontra enraizada desde

as lutas sociais internacionais e antissistêmicas contra todas as formas de exploração, opressão social e degradação da natureza. Finalmente, o ecossocialismo é a nossa alternativa político-estratégica necessária e urgente para a construção de um novo paradigma social global, que nos permita desenvolver modos de produção, valores, referenciais, relações humanas e com a natureza não-humana de forma integrada, coletiva, justa e solidária.

3. CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

3.1. *A Revolução de Outubro*

Para compreendermos o contexto sócio-histórico em que se deu a Revolução de Outubro na Rússia em 1917 precisamos nos munir de um arcabouço teórico capaz de elucidar sobre as profundas crises que abalaram aquele contexto. Sem esse panorama não será possível partir de uma dimensão de entendimento levando em conta fatores históricos, geográficos, sociais, políticos, econômicos e mundiais. Para tanto, partilho da análise de que no momento em que ocorreu a Revolução de Outubro, a Rússia se encontrava num cenário de crise revolucionária. Por meio da crise revolucionária, categoria essa que Bensaïd vai costurar em conjunto com as elaborações de Lenin e Trotsky, considera-se que a Rússia atravessou, na conjuntura prévia à Revolução, um período de intensas crises e falhas presente nas relações recíprocas entre todas as classes existentes naquela sociedade. Durante esse período, o proletariado e o campesinato tomaram conhecimento de sua posição enquanto oprimidos e explorados perante as classes detentoras do poder e, a partir disso, entenderam-se enquanto agentes de sua própria emancipação. Portanto,

A especificidade da política se exprime nele no conceito de crise revolucionária, que não é o prolongamento lógico de um “movimento social”, mas uma crise geral das relações recíprocas entre todas as classes da sociedade. A crise se define então como uma “crise nacional”. Ela age como um revelador das linhas de frente queimadas pelas fantasmagorias místicas da mercadoria. Somente então, e não em virtude de um inelutável amadurecimento histórico, o proletariado pode ser transfigurado e “tornar-se aquilo que é”. (BENSAÏD, 2020, n.p)

Mais adiante, o autor acrescenta:

Ela se define por uma interação entre os diversos elementos variados de uma situação: quando os de cima não podem mais governar como antes; quando os de baixo não suportam mais ser oprimidos como antes; e quando essa dupla impossibilidade se traduz por uma súbita efervescência das massas. (BENSAÏD, 2020, n.p)

Segue-se que tomarei como referência nessa análise sobre a Revolução de Outubro a categoria de crise revolucionária, partindo das contradições materiais nacionais da Rússia no início do século 20, o contexto internacional de guerras imperialistas na Europa (LENIN, 2003), as fendas que se abriram nessa conjuntura para potenciais disrupções sociais dentro de um campo de possibilidades historicamente determinadas (BENSAÏD, 2020), como ocorreu em 1905, além como a consciência política do proletariado e o campesinato acerca de sua condição de explorados e seu papel enquanto classes coletivas revolucionárias foi de uma importância monumental para os desdobramentos da Revolução.

Nesse diapasão, a Europa, no início do século 20, encontrava-se no epicentro de múltiplas emergências. De acordo com Bensaïd (2020), as correntes políticas desde meados do fim do século 19 já se dividiram entre aquelas que apostaram em uma alternativa ao czarismo protagonizada pela burguesia nacional e as que, dentro de uma perspectiva populista⁷, apostaram suas fichas na força do campesinato. A classe operária, então, não aparecia como um bloco sólido a ser construído, enquanto uma coletividade revolucionária que cumpriria um papel decisivo para a transição de um outro modo de produção.

O momento de surgimento do Estado soviético é conformado a partir de um período de instabilidades, crises agudas, guerras e transformações sociais que dar-se-ão em decorrência do impacto dos acontecimentos do mundo sobre a Rússia. Notadamente, a Primeira Guerra Mundial foi um marco importante de agitação daquele período. Concomitantemente, a tentativa de revolução em 1905 na Rússia demonstrava ao dirigente da corrente dos bolcheviques do POSDR - o Partido Operário Social Democrata Russo - Vladimir Lenin - figura importante, senão excepcional para os desdobramentos da Revolução de Outubro - que a aposta na via de uma revolução entendida como democrático-burguesa na Rússia havia fracassado. Mais adiante, o revolucionário se aproximaria então da linha de pensamento que colocaria maior ênfase no campesinato como classe social necessária para a derrubada da autocracia czarista, e não os liberais (LEWIN, 2007).

Conforme já apontado pelo historiador Moshe Lewin (2007), naquela época, a tese defendida por lideranças como Bukharin⁸ era a de que só haveria a possibilidade de uma

⁷ O conceito de populismo russo, diferentemente do que é compreendido por meio do populismo ocidental, faz menção a uma política defendida por setores socialistas com um programa revolucionário focado no campesinato russo. Ver: WATANABE, Rafael. **O Diálogo do Marx Tardio Com O Populismo Clássico**: Prenúncio a Revolução Bolchevique. Revista Urutágua, n. 37, p. 74-93, 5 mar. 2019.

⁸ Nikolai Bukharin foi um bolchevique aliado de Stálin ao longo da década de 1920, veio a ser o teorizador do “socialismo em um só país”, se tornou Secretário-geral da Internacional Comunista em 1926. No fim da década, foi acusado de conspiração, perseguido e foi executado por meio de fuzilamento durante os processos de Moscou em março de 1938.

implementação real do socialismo na Rússia caso houvesse um movimento pan-europeu de revoluções, isto é, caso outros países estivessem passando por processos de insurreições revolucionárias. Dessa forma, tanto nas análises de Lenin quanto nas de Bukharin, em 1905, a Rússia ainda não se localizava no centro dos acontecimentos mundiais com potencial de desencadear uma revolução socialista.

Em seu primeiro rascunho de uma carta escrita para Vera Zasulich, em março de 1881, Marx já demonstrava o quanto o desenvolvimento econômico desigual e combinado da Rússia também lhe serviria as condições de forjar uma revolução socialista sem ter que dispender-se numa fase anterior por intermédio de uma revolução burguesa. Na carta, Marx analisa que:

My answer is that, thanks to the unique combination of circumstances in Russia, the rural commune, which is still established on a national scale, may gradually shake off its primitive characteristics and directly develop as an element of collective production on a national scale. Precisely because it is contemporaneous with capitalist production, the rural commune may appropriate all its positive achievements without undergoing its [terrible] frightful vicissitudes. Russia does not live in isolation from the modern world, and nor has it fallen prey, like the East Indies, to a conquering foreign power. (MARX, [s.d], n.p)

Em uma análise aproximada à presente na carta de Marx, Bensaïd pontua que a Rússia combinava aspectos dúbios no seu modo de produção, onde manifestavam-se características feudais por um lado e, por outro, o desenvolvimento cada vez mais emergente de um capitalismo industrial urbano. Perante essa realidade, sob o controle de uma autocracia despótica como o czarismo, havia um bloqueio para as reformas democráticas nacionais de modo que caberia não a burguesia resolver e cumprir essas tarefas, mas, em primeira e última instância, ao proletariado em conjunto com o campesinato. Desse modo, Bensaïd conclui:

A Revolução Russa não foi o resultado de uma conspiração, mas a explosão, no contexto da guerra, das contradições acumuladas pelo conservadorismo autocrático do regime czarista. A Rússia, no início do século, era uma sociedade bloqueada, um exemplo de "desenvolvimento desigual e combinado", um país ao mesmo tempo dominante e dependente, aliando características feudais de um campo no qual a servidão fora oficialmente abolida havia menos de meio século às características de um capitalismo industrial urbano dos mais concentrados. Grande potência, estava tecnológica e financeiramente subordinada (os empréstimos russos de divertida memória!). A lista de queixas apresentada pelo papa Gapone na Revolução de 1905* era um verdadeiro registro da miséria que reinava no país dos czares. As tentativas de reforma eram rapidamente bloqueadas pelo conservadorismo da oligarquia, a teimosia do déspota e a inconsistência de uma burguesia atropelada pelo nascente movimento dos trabalhadores. As tarefas da revolução democrática correspondiam, assim, a uma espécie de terceiro estado em que, diferentemente da Revolução Francesa, o proletariado moderno, embora minoritário, já era a ala mais dinâmica. (BENSAÏD, 2020, n.p)

Tomando como base pilar de análise a anteriormente citada teoria do desenvolvimento desigual e combinado formulada pelo teórico e militante marxista russo Leon Trotsky, ao analisar o desenvolvimento econômico da Rússia, o revolucionário bolchevique, que presidiu o soviete de Petrogrado e dirigiu o Exército Vermelho, aponta que não haveria condições para que o proletariado e o campesinato alcançassem suas tarefas democráticas sem que com isso houvesse o processo de socialização dos meios de produção e, no seu decorrer, a ditadura do proletariado, pois as especificidades do modo de produção da Rússia não abririam margem para que o país se desenvolvesse de modo a ensejar-se enquanto uma metrópole do mesmo modo que outros países da Europa e da América Central se constituíram historicamente. Logo, Trotsky afirma que:

A história dos últimos decênios atesta, com uma força particular, que, nas condições da decadência do capitalismo, os países atrasados não poderão atingir o nível das velhas metrópoles do capital. Os civilizadores, presos num beco sem saída, barram o caminho aos que se civilizam. A Rússia entrou na via da revolução proletária não porque a sua economia fosse a mais madura para a transformação socialista, mas porque essa economia já não podia se desenvolver sobre bases capitalistas. A socialização dos meios de produção tornou-se a condição necessária para retirar o país da barbárie: esta é a *lei do desenvolvimento combinado* dos países atrasados. (TROTSKY, 2020, p.63-64)

O ano de 1917 foi marcado pela decadência do antigo regime e por uma instabilidade frente aos deslocamentos da correlação de forças na Rússia. Das ruínas do czarismo, entre fevereiro e outubro, frente ao fracasso do governo Kerensky, colocava-se em questão uma alternativa pautada a partir de uma revolução social ou então uma possível vitória do golpe militar do exército russo liderado por Kornilov (BENSAÏD, 2020). O momento de virada na construção da Revolução Russa foi determinante não apenas pela intervenção estratégica dos bolcheviques, mas, no seu conjunto, pelo papel de autoorganização existente por meio dos sovietes, conselhos populares e dos trabalhadores que democratizaram as instâncias de decisão e participação popular no processo, que nem o posicionamento das e dos revolucionários bolcheviques de não adesão à Primeira Guerra Mundial, mediante uma leitura de que a guerra carregava consigo interesses econômicos imperialistas e não beneficiava a libertação da classe trabalhadora. Somado a isso, a Rússia já se encontrava devastada pela participação na guerra. Nesse sentido, as palavras de ordem que melhor simbolizavam os anseios populares por mudanças democráticas, mas também radicais naquele cenário foram as de “pão, paz, e terra”. Os setores revolucionários canalizaram essa indignação em conjunto com um amplo processo de consciência política das classes oprimidas.

As formulações de Bensaïd passam, entre muitos aspectos, por um debate estratégico, no qual o autor reconhece sua incorporação ao movimento operário a partir do vocabulário militar (BENSAÏD, 2017). Nesse aspecto, o seu esforço em compreender os acontecimentos históricos e eventos insurrecionais, como ocorreu por meio da Revolução de Outubro, estão permeados pela categoria de hipóteses estratégicas. Através dessa conceituação, Bensaïd coloca que “uma hipótese é um guia para a ação a partir das experiências passadas, mas aberto e modificável em função de novas experiências ou circunstâncias inesperadas” (BENSAÏD, 2017, p.161). Em resumo, na leitura bensaïdiana, as hipóteses estratégicas se apresentam como orientadoras do agir político com referência nas experiências passadas, mas abertas aos imprevistos e contingências próprias do terreno da política, tornando-os adaptáveis às circunstâncias. Diante disso, tomaremos como fio condutor da leitura da Revolução de Outubro a categoria de hipóteses estratégicas desenvolvida pelo autor, em que o mesmo inscreve nessa discussão a revolução supracitada a partir do modelo de “hipótese da greve geral insurrecional”.

A hipótese estratégica da greve geral insurrecional (BENSAÏD, 2017) imprime-se dentro das noções de crise revolucionária - já introduzida anteriormente - e de poder dual. No que tange à dualidade de poder expressa por meio da Revolução de Outubro, podemos identificar em sua obra por meio da “dialética entre as formas variadas de auto-organização e as instituições parlamentares ou municipais existentes” (BENSAÏD, 2017, p. 165), a relação entre soviets e constituinte na Rússia, tal qual os revolucionários e a ofensiva contrarrevolucionária que culminou na guerra civil (1918-1921).

Nessa amálgama de fatores, tem-se como uma ferramenta analítica indispensável para compreender a relação entre guerra e revolução, além do aspecto internacional a ser levado em conta no quadro em questão da Revolução de Outubro, a teoria da revolução permanente, de modo que:

A revolução permanente tem uma dimensão imediatamente europeia. Os territórios nacionais são os campos de batalha parciais de uma guerra civil de maior amplitude. Até o esmagamento, entre 1918 e 1923, das revoluções alemã, húngara e italiana, os revolucionários europeus, começando pelos bolcheviques, pensaram sua ação nesta representação europeia do espaço estratégico. É a conclusão que tira Marx, a partir de *As lutas de classes na França*: “A nova Revolução francesa se vê obrigada a deixar imediatamente o solo nacional e a conquistar o terreno europeu, o único onde pode se realizar a revolução social do século XIX”, já que “ninguém poderia afirmar que o mapa da Europa seja definitivo”. A relação entre guerra e revolução, então, se inscreve de imediato nesta perspectiva continental. (BENSAÏD, 2020, n.p)

3.2. *A ascensão do stalinismo*

O contexto sociohistórico em que o stalinismo se coloca e ascende na URSS é caracterizado, por Bensaïd, através dos seguintes elementos:

as aporias da democracia herdadas da Revolução Francesa, o impensado do pluralismo organizado, a confusão do povo, do partido e do Estado, a fusão decretada do social e do político, a cegueira diante do perigo burocrático (considerado secundário em relação ao “perigo principal” da restauração capitalista) foram propícios à contra-revolução termidoriana na Rússia dos anos 1930. (BENSAÏD, 2008, p.71)

Ao analisar o que estava colocado frente às condições da realidade material Russa naquele período, ele acentua:

Depois da guerra civil vitoriosa, e mais ainda em 1924 após a derrota do Outubro alemão (1923) e a morte de Lenine, os dirigentes da Rússia Soviética e da Internacional Comunista encontram-se numa situação imprevista de estabilização da relação internacional e de longo isolamento da União Soviética. (BENSAÏD, 2008, p.22)

Desse modo, o processo de burocratização das instituições do Estado vão alavancar sob condições em que, pelas palavras de Bensaïd (2008, p.22) “já não é a base social que mantém o gabinete de Estado, mas sim a vontade de gabinete que se esforça por arrastar a base”. Dessa maneira, o autor define, na sequência, que a burocracia tem como sua base fundamental uma situação em que “os privilégios prosperam sob a penúria”. (BENSAÏD, 2008, p.22)

Bensaïd demonstra mediante seu estudo que, para entendermos a conformação da burocracia stalinista enquanto uma burocracia propriamente dita, é necessário compreendermos uma Rússia devastada pela Primeira Guerra Mundial, a guerra civil e pela falta de uma tradição política democrática no seu histórico. Ademais, um cenário econômico atravessado por uma industrialização dificultosa mediante a um desenvolvimento no ramo da produção que não acompanhava a modernização ocidental. Um país marcadamente camponês, viveu uma escassez de recursos muito acentuada. Sem contar uma ampla velha guarda de dirigentes e militantes da Revolução de Outubro que perderam sua influência no partido para uma camada de carreiristas. Seria então uma burocracia consolidada, logo, sobre as seguintes condições, pela visão do autor:

Após o recrutamento massivo da “promoção Lenine”, em 1924, os milhares de veteranos de Outubro já não pesam muito nos efectivos do Partido, face às centenas de milhar de recém-chegados, incluindo numerosos carreiristas de última hora. Os massacres da Grande Guerra e as crueldades da guerra civil criaram, num país desprovido de tradições democráticas, um habituar às formas extremas de violência social e física. A mudança radical da II Guerra e da guerra civil marcam, assim, “um grande salto atrás” e uma “arcaização” do país relativamente ao nível de desenvolvimento esperado antes de 1914. Dos 4 milhões de habitantes de Petrogrado em 1917, não restam senão 1,7 em 1929. Mais de 380.000 operários deixaram a produção e apenas 80.000 ficaram no seu posto de trabalho. Cidadela operária, as fábricas Poutilov perderam quatro quintos do seu efectivo. Mais de 30 milhões de camponeses conheceram a escassez e a fome. As cidades devastadas vivem à custa das campanhas submetidas às requisições autoritárias. (BENSAÏD, 2008, p.23)

Ademais, Bensaïd subscreve sua análise por meio de um panorama internacional. De tal modo, as contradições sociais são indicadores significativos para uma investigação rigorosa do processo de burocratização do Estado soviético. Então, não é suficiente, ou por vezes apresenta-se de maneira equivocada, reduzir a burocratização a uma política premeditada ou de uma fatalidade. Nesse contexto:

A crise do imperialismo em guerra, a existência de uma classe operária concentrada e combativa, a presença de uma vanguarda experimentada e endurecida faziam da Rússia um elo frágil propício à vitória da revolução. Por outro lado, o isolamento ao qual a revolução russa foi confinada em decorrência das derrotas do proletariado húngaro e alemão, colocava em perigo seu futuro. (Bensaïd, 2020, n.p)

Para o marxista belga Ernest Mandel (1982), o contexto pós-guerra civil na Rússia é fundamental para se compreender a fundo como a burocracia ascendeu e se consolidou no Estado. Em sua análise, há 2 pilares principais nos quais a burocracia finca o seu poder: 1) O declínio das revoluções a nível internacional em 1923, diante de um contexto mundial propício à insurreições, vê-se, sobretudo por meio da derrocada na revolução alemã naquele período, uma crise revolucionária; 2) a realidade econômica soviética. Segundo Mandel, ainda que vitoriosa na guerra, a Rússia entra num estado de profunda crise na produção agrícola e industrial, de tal maneira que é implementada a NEP - Nova Política Econômica -, que foi uma política econômica de caráter temporário que permitiu o restabelecimento de determinados setores privados no ramo da produção, a exemplo do artesanato, comércio e da pequena indústria. Porém, com o cenário de isolamento da Rússia e a crise de abastecimento interna, o proletariado perdia cada vez mais sua capacidade de articulação no aspecto político e econômico, possibilitando com isso que uma nova camada privilegiada ascendesse ao poder. Entre os fatores que possibilitou essa ascensão estão:

O proletariado se viu enfraquecido numericamente pela queda da produção industrial e pelo êxodo para os campos. Sob o peso da fome e das privações, o proletariado

despolitizou-se parcialmente. Os seus elementos mais conscientes foram absorvidos pelo aparelho soviético. Muitos dos seus melhores filhos foram mortos durante a guerra civil. Todo esse agitado período não foi propício à formação de quadros, técnica e culturalmente qualificados, no seio da classe operária. A intelligentsia pequeno-burguesa e burguesa pôde por essa razão conservar de fato o seu monopólio de conhecimentos. Um período de grandes penúrias é sempre propício à aquisição e defesa de privilégios materiais. (MANDEL, 1982, p.84-85)

Por sua vez, Bensaïd aponta que as medidas radicais executadas pelos bolcheviques de nacionalização dos bancos, comércio e indústria, assim como a planificação econômica no período da guerra civil caracterizam uma economia de guerra. Nesse contexto, houve um desequilíbrio pois a acumulação privada agrícola se tornou superior à acumulação industrial estatizada. Com as tensões presentes no mercado interno, e com a recuperação do setor industrial, a demanda agrícola teve dificuldades em ser suprida, de modo que para os camponeses privados foi mais vantajoso estocar os seus produtos, o que contribuiu para uma crise de abastecimento no interior da sociedade soviética. (BENSAÏD, 2020)

Além disso, sem negar os impactos de medidas autoritárias e contrárias a um projeto socialista alinhado com princípios democráticos e emancipatórios anteriormente operados pelos bolcheviques no poder, Bensaïd aponta o quanto a década de 1930 representou uma mudança qualitativa no regime e no aparelho burocrático do Estado soviético. Na avaliação do autor,

A repressão dos anos 1930 contra os movimentos populares não é o simples prolongamento do que prefigurava, desde o início dos anos 1920, as práticas de Vetcheka ou os trabalhos forçados como pena política nas ilhas Solokvi. Ela marca uma mudança de escala, um salto qualitativo, graças ao qual a burocracia do Estado destrói e digere o partido que acreditava poder controlá-la. (BENSAÏD, 2008, p.72)

Outro estudioso assíduo sobre a historiografia soviética, Moshe Lewin, da mesma maneira, ao apontar o imperativo de um conhecimento acerca do contexto histórico da Rússia, da economia mundial e dos efeitos de um mundo profundamente afetado com as guerras argumenta que:

a crise econômica mundial dos anos 1930 é crucial para o entendimento do prestígio que a Rússia soviética tinha aos olhos de muitos povos e que ajudou a legitimar o stalinismo. A Segunda Guerra Mundial, da mesma forma, jogou um véu sobre as atrocidades em massa cometidas por Stalin, em um momento em que o regime e seu próprio poder já estavam decaindo devido a suas próprias doenças internas. (LEWIN, 2007, p.14)

Na percepção de Trotsky (2020), a partir do momento em que o embrião de uma nova sociedade no poder passa a dismantelar os seus fundamentos, através da socialização dos meios de produção, destruindo as ferramentas de coação que dão sustentação aos privilégios

de uma minoria dominante e abolindo a propriedade privada tem-se as condições para que o Estado deixe de ter a sua necessidade de existência e possa, finalmente, começar a desaparecer. Todavia, se ocorre um processo contrário onde os instrumentos de coação deixam de ser tomados pela maioria, mas passam a ser instrumentalizados por uma nova minoria que toma para si o poder, então tem-se uma burocracia consolidando sua permanência e controle no aparato estatal.

4. A CRÍTICA ANTISTALINISTA DE DANIEL BENSAÏD

4.1. O stalinismo como um fenômeno social

A abordagem bensaïdiana nos conduz para uma chave de leitura que permite observar o processo que desencadeia o stalinismo em sua totalidade como uma mistura inextricável de “elementos de continuidade e de descontinuidade”, de modo que a história vista e compreendida enquanto “resultado de fenômenos sociais, de conflitos de interesses de final incerto, de acontecimentos decisivos em que as massas, e não somente os conceitos, estão em jogo” (BENSAÏD, 2008, p.72) nos permita encará-lo enquanto um fenômeno social de fato, vivo e dinâmico. Essa abordagem direciona nossa análise para uma interpretação não mecânica da história, estagnada e cristalizada, mas calcada na dialética e no movimento. Dito tudo isso, com base na perspectiva bensaïdiana:

O stalinismo, em circunstâncias históricas concretas, refere-se a uma tendência mais geral à burocratização, que atua em todas as sociedades modernas. É alimentado principalmente pela ascensão da divisão social do trabalho (principalmente trabalho manual e intelectual) e pelos "perigos profissionais do poder" que lhe são inerentes. Na União Soviética, essa dinâmica foi ainda mais forte e mais rápida na medida em que a burocratização ocorreu em um contexto de destruição, penúria e arcaísmo cultural, na ausência de tradições democráticas. (BENSAÏD, 2020)

O que Bensaïd nos provoca se dá em como as dimensões de influência stalinista no que tange o caráter prático de suas políticas e diretrizes afetaram de maneira profunda setores organizados da classe trabalhadora, de modo que a própria temporalidade em que o stalinismo se postulou enquanto uma hegemonia dentro do Estado soviético é transpassada por essa influência que se externaliza. Nos provoca, em consonância, sobre como essa influência incidiu, através dessa expansão, na difusão de uma concepção específica de se assimilar o marxismo; em conceber o partido e sua relação com a esfera do poder, o Estado e a sociedade;

a natureza da revolução; a lida com as contradições internas e externas que se perpetram e são reproduzidas até as atuais gerações. Segundo o autor,

os efeitos em cadeia da contra-revolução stalinista contaminaram toda a época e perverteram de maneira duradoura o movimento operário internacional; muitas contradições e impossibilidades presentes são ininteligíveis sem uma compreensão profunda do stalinismo. Finalmente, no que se refere ao futuro: as consequências dessa contra-revolução, em que o perigo burocrático ganhou formas e proporções inéditas, ainda pesarão durante muito tempo nos ombros das novas gerações. (BENSAÏD, 2008, p.72-73)

Faz-se necessário, portanto, encarar o stalinismo como um fenômeno social de múltiplas facetas a ser cada vez mais compreendido e enfrentado dentro do debate político, nas estruturas organizacionais e nos reflexos correntes e concretos da luta de classes do nosso tempo. Logo,

A burocracia não é a consequência deplorável de uma ideia falsa, mas um fenômeno social. Ele assumiu uma forma particular na acumulação primitiva na Rússia e na China, mas planta suas raízes na gestão da penúria e na divisão social do trabalho. Ele existe, em diversos graus, de maneira universal. Essa lição histórica incita ao aprofundamento de suas consequências programáticas concernentes principalmente a um pluralismo político inicial, à independência e à autonomia dos movimentos sociais em relação ao Estado e aos partidos, a uma cultura do direito e a uma separação dos poderes. (BENSAÏD, 2008, p.73-74)

Partindo da chave analítica de que o stalinismo não se configura por meio de uma análise voltada aos traços de uma personalidade autoritária, de uma perspectiva psicologizante do comportamento de indivíduos isoladamente, mas que advém de uma combinação de fatores que atravessam as condições materiais e sociais das sociedades, no interior das organizações políticas, da divisão social do trabalho e, por consequência, dos perigos profissionais do poder, buscarei, ao longo deste capítulo, elencar alguns dos elementos identificados no fenômeno stalinista presentes em uma série de textos selecionados do autor Daniel Bensaïd, já detalhados na introdução da pesquisa. Nessa construção, me proponho a sintetizar e trazer aspectos sobre categorias de análise importantes para esse apanhado teórico. São elas: a crítica à doutrina do “socialismo num só país”, os conceitos de “confisco burocrático do poder”, “contrarrevolução termidoriana e burocrática, a concepção de partido único dentro do stalinismo, uma discussão acerca do uso crítico feito por Bensaïd à categoria de “totalitarismo burocrático” e, finalmente, um destrinchamento sobre aspectos que remontam ao conceito de “produtivismo burocrático” expresso pelo autor e a reivindicação desse recurso analítico de modo a melhor conseguir abranger as facetas presentes no stalinismo em sua totalidade.

Não pretendo, mediante essa apuração, esgotar as chaves de leitura e possibilidades interpretativas a serem retiradas a partir do autor, haja vistas que seu repertório crítico acerca do meu objeto aqui analisado é vertiginoso, demanda de um conhecimento e contato com teorias e autores que superam a capacidade dessa pesquisa, para além de ainda não termos contato com muito do seu material produzido que ainda não chegou ao Brasil. Não obstante, me coloco na tarefa de compilar parte de seus balanços e direcionar uma síntese de uma crítica ecossocialista a partir de seus contributos.

4.2. O socialismo num só país

A teoria do socialismo num só país se baseia na ideia de que a Rússia era um país completamente autossuficiente para implementar em seu território uma sociedade socialista vitoriosa e acabada, independente das condições em que se encontrassem a luta de classes no plano internacional. Isto é, ainda que os proletários de outros países não estivessem avançando para estabelecer movimentos revolucionários e de caráter socialista em suas nações, isso não afetaria as condições da Rússia fincar sobre o seu próprio Estado um socialismo plenamente desenvolvido e acabado. Stálin não descartava que o apoio dos proletários de outros países fosse importante, mas em sua tese a correlação de formas e o avanço da luta socialista no plano internacional não era determinante para uma vitória cabal e efetiva do socialismo no plano nacional russo.

Desse modo, ele explicitou:

O que significa a possibilidade de vitória do socialismo em um só país?

Significa a possibilidade de resolver as contradições entre o proletariado e o campesinato por meio das forças internas do nosso país, a possibilidade do proletariado tomar o poder e usar esse poder pra construir uma sociedade socialista completa em nosso país, com a simpatia e a apoio dos proletários de outros países, mas sem a vitória preliminar da revolução proletária em outros países. (STALIN, 2021, p.331)

Para isso, Stálin apostava suas fichas em um desenvolvimento progressivo do Estado através de um modelo de economia, indústria e produção com características cada vez mais coletivizadas, submetidas ao controle estatal e “socialistas”. Nesse aspecto, uma aposta fundamental que ele defendia sua aplicação, que consta em seus escritos e resoluções, se pautava pela industrialização da cidade concomitantemente com a transformação compulsória da produção no campo em cooperativas agrícolas. Sobre esse ponto, Stálin concluiu:

Na verdade, o que está acontecendo em nosso país agora não é um processo unilateral de restauração do capitalismo, mas um duplo processo de desenvolvimento do capitalismo e desenvolvimento do socialismo - um processo contraditório de luta entre o socialismo e os elementos capitalistas, um processo em que os elementos socialistas estão superando os elementos capitalistas. Isso é igualmente incontestável no que diz respeito às cidades, onde a indústria estatal é a base do socialismo, e no que diz respeito ao campo, aqui o principal ponto de apoio do desenvolvimento socialista é a cooperação de massa ligada à indústria socialista. (STALIN, 2021, p.340)

Em sua obra, onde é possível traçar uma análise histórico-social do regime soviético sob a direção stalinista, Daniel Bensaïd antagoniza as estratégias da hipótese do “socialismo num só país”, defendida por Stálin e a “revolução permanente”, desenvolvida por Trotsky para lidar com a revolução mundial:

A estratégia da construção do “socialismo num só país”, defendida por Estaline e seus aliados, subordina as hipóteses de uma revolução mundial aos interesses da burocracia soviética; a da “revolução permanente”, desenvolvida por Trotsky e pela corrente chamada A Oposição de Esquerda, subordina o futuro da revolução russa à extensão da revolução mundial. (BENSAÏD, 2008, p.24)

Foi no contexto intermediário entre as duas grandes Guerras Mundiais do Século 20 que houve uma divisão profunda no interior do partido bolchevique. Bensaïd revela que, a partir de 1924, no seio do partido, a chamada “Oposição de Esquerda” em conjunto com Trotsky vai propor um “Novo Curso” com o propósito de resgatar a democracia interna e a vida partidária. À vista disso, essa tendência irá defender uma política econômica focada na industrialização e na planificação para lidar com as tensões entre a agricultura e a cidade. Nesse contexto, a política tocada por Stalin no governo soviético era de um “socialismo a passos de tartaruga” (BENSAÏD, 2008) que consistia numa aposta na transição lenta da industrialização no país. À época, Trotsky ao retratar o que ele entendia acerca do “socialismo num só país” trazia sua categorização nos seguintes termos:

A indecisão face às propriedades camponesas individuais, a desconfiança face aos grandes planos, a defesa de um movimento lento, o desdém pelo problema internacional, eis os elementos que, reunidos, formavam “a teoria do socialismo num só país”, formulada, pela primeira vez, por Stalin, no decorrer do outono de 1924, após a derrota do proletariado na Alemanha: não nos apressarmos em matéria de industrialização, não nos indispormos com o mujique, não contarmos com a revolução internacional e, principalmente, preservar o poder burocrático de toda a crítica! (TROTSKY, 2020, p.86-87)

Entretanto, o posicionamento stalinista frente à política econômica dará uma guinada intensa a partir de 1929, mediante a adoção do Primeiro Plano Quinquenal. Diante de um cenário de crise econômica aguda, Stalin passa a adotar uma política de coletivização forçada no campo e de industrialização acelerada nas fábricas, que também sofrerá críticas da

Oposição de Esquerda pela sua guinada brusca e sem o estabelecimento de uma democracia no seio do regime, o que fortaleceria a burocratização do Estado soviético. As consequências dessa postura do stalinismo, de acordo com Bensaïd (2008), foram a desolação nos campos e a grande fome na Ucrânia em 1932.

Em que pese os zigue-zagues na política econômica stalinista e sua adesão, mediante o Plano Quinquenal, a uma industrialização acelerada, que vai acarretar em uma urbanização intensa na URSS, ainda que Trotsky tenha se demonstrado crítica à guinada brutal na política de coletivização e industrialização a despeito de uma política pautada na planificação, planejamento e de transição, não se pode ignorar os traços presentes na defesa de Trotsky tanto de um certo adesismo à ideologia do progresso, que acreditava no potencial elevado da industrialização como o ápice do desenvolvimento da sociedade soviética quanto de uma visão acrítica sobre os impactos dessa industrialização em um primeiro momento. Felizmente, a tradição trotskista, dentro de sua abrangência e abertura para acúmulos da ecologia crítica, da ciência do clima e das humanidades preocupadas com o avanço da mudança climática no mundo tem buscado caminhar em vias de aprender com os resquícios produtivistas que haviam no Trotsky, com humildade e autocrítica, se amparado das demandas e recomendações dos setores ambientalistas, dos povos originários, dos setores sociais que lutam por justiça social climática acerca de lutas e bandeiras indispensáveis no século 21 entre a crítica marxista em combinação com a questão ecológica.

4.3. O confisco burocrático do poder

Em seção anterior, por meio de uma sobre o período de ascensão do stalinismo, compreendemos que o processo de burocratização, na percepção de Daniel Bensaïd, se deu mediante uma combinação de fatores produtos das contradições sociais, históricas e da desmobilização do movimento operário. Se nossa pretensão neste tópico é avançar de modo mais qualificado sobre o que Bensaïd buscou caracterizar enquanto “confisco burocrático do poder”, então precisamos levar em conta sua avaliação acerca da burocratização. Sucede que, num cenário de fragilidade para fazer-se avançar as conquistas da Revolução de Outubro, os organismos que promoviam a democracia no Estado a exemplo dos soviets e o efetivo controle operário da produção, a burocratização inscreve-se como reação a um processo marcado por fatores econômicos, geopolíticos, sanitários, culturais e sociais. Nesse sentido,

É útil, para compreender a amplitude do fenômeno, lembrar que em 1919 os efetivos do PCUS eram avaliados em 250.000 membros, dos quais somente 10% tinham mais de 40 anos e 50% tinham menos de 30 anos; somente 8% eram membros do PC antes da revolução, mas 70% ocupavam funções de autoridade no partido ou nos serviços de Estado. Em 1921, os efetivos passavam de 730.000 membros, dos quais 57% eram analfabetos!

Esse fenômeno social massivo de adesão ao partido no poder em um contexto de recuo e de isolamento internacional da revolução, de dificuldades econômicas internas e de atraso cultural, engendra tanto mais seguramente a burocracia na medida em que a vanguarda estava dizimada e os recém chegados à revolução aspiram a uma pausa e a uma vida melhor. (Bensaïd, 2020, n.p)

Dentre os vários elementos conjunturais que contribuíram para que as escolhas políticas dos quadros dirigentes levassem à burocratização, Bensaïd aborda o impacto da guerra civil sobre a estabilidade econômica e política da sociedade soviética. Nesse quadro, o autor explicita os desdobramentos que ocasionaram nas arbitrariedades burocráticas:

Para enfrentar a agressão, o Exército Vermelho teve que mobilizar em alguns meses quatro milhões de combatentes que precisavam ser equipados e alimentados. Em dois anos, Petrogrado e Moscou perderam mais da metade de sua população. A indústria, devastada, não produziu mais nada. Sob essas condições, para alimentar as cidades e o Exército, que outra solução além das requisições? Sem dúvida, podem-se imaginar outras maneiras, levando em consideração, olhando à distância do tempo decorrido, a lógica de uma polícia política, os perigos da arbitrariedade burocrática exercida por tiranos improvisados. Mas é uma discussão concreta, em termos de decisões políticas, de alternativas imagináveis diante de desafios reais e não de julgamentos abstratos.

No final da guerra civil, não é mais a base que empurra a cúpula, mas a vontade da cúpula que se esforça para arrastar a base. Daí a mecânica da substituição: o partido substitui o povo; a burocracia, o partido; o homem providencial, o conjunto. No decorrer desse processo, emerge uma nova burocracia, resultado da herança do antigo regime e da promoção social acelerada de novos líderes. Após o recrutamento massivo da “promoção Lenin” em 1924, os poucos milhares de militantes de Outubro não influenciam mais tão fortemente o partido em comparação com as centenas de milhares de novos bolcheviques, entre os quais os carreiristas que voam em socorro da vitória e elementos reciclados da antiga administração. (BENSAÏD, 2020, n.p).

Acerca dos elementos contribuintes para a conformação burocrática no interior do Estado soviético, Trotsky assevera:

O melhoramento da situação material deveria, à primeira vista, diminuir a necessidade de privilégios, restringir o domínio do “direito burguês” e, por esse fato, minar os alicerces da burocracia, que é guardiã desses direitos. Mas o que se produz é exatamente o inverso: o crescimento das forças produtivas foi acompanhado, até hoje, por um extremo desenvolvimento de todas as formas de desigualdade e privilégios e, igualmente, da burocracia. E não sem razão. (TROTSKY, 2020, p.162)

Trotsky vai apontar que a burocracia do regime do Partido Bolchevique pôde ser expressa “com os seus “chefes” hierarquicamente nomeados, as suas reviravoltas executadas

por imposição, o seu aparato incontrolável, o seu desdém pela base, o seu servilismo para com o Kremlin.” (TROTSKY, 2020, p. 149)

Na prática, os órgãos, entidades e instituições do Estado soviético passaram a ser instrumentalizados e cooptados para atender às necessidades e interesses da burocracia. Essa política era aplicada, na análise de Trotsky, de modo que Stálin:

Acreditava profundamente que a construção do socialismo era de ordem nacional e administrativa. Considerava a Internacional Comunista como um mal necessário da qual necessitava enquanto dela pudesse tirar proveito para questões de política externa. O partido tinha sentido a seus olhos meramente como um submisso apoio para a máquina estatal. (TROTSKY, 2020, p.150)

Nesse processo, a política tocada era de desmantelamento e controle da vanguarda operária e das bases para com os órgãos do partido e do Comitê Central, aderindo a um modelo tecnocrático de administração, de preservação dos privilégios, uma “hierarquia dos secretários” (TROTSKY, 2020), pautada cada vez mais em princípios de servilismo ao Comitê Central, obediência acrítica aos chefes e na burocratização do aparelho estatal:

Os comitês tinham conquistado a independência que lhes era necessária. O centralismo democrático deu lugar ao centralismo burocrático. Os serviços do partido foram radicalmente remodelados. A obediência se tornou a principal virtude do bolchevique. Sob o estandarte da luta contra a oposição, iniciaram-se as substituições de revolucionários por funcionários. A história do Partido Bolchevique tornou-se a da sua rápida degeneração. (TROTSKY, 2020, p.151)

Alinhado a isso, ainda que não trate da discussão a seguir nos respectivos termos investigados nesta seção, Bensaïd ao expor sobre as questões nas quais as correntes trotskistas irão se debruçar dentro de suas análises e prognósticos com o fim da Segunda Guerra Mundial e com o fortalecimento do Estado soviético subjugado ao regime stalinista, coloca elementos que são úteis para qualificar com mais robustez a categoria de confisco burocrático do poder. Em conformidade aos apontamentos do autor, na medida em que se avança a Guerra Fria, com a invasão do Estado soviético na Polônia, Finlândia e nos Países Bálticos a natureza da propriedade nesses países, a partir de uma leitura trotskiana, seria contraditoriamente progressista, pois ao mesmo tempo em que estaria estatizada teria sido imposta de maneira autoritária, ao invés de passar por um processo autoorganizado pelo proletariado. Segue-se que esse processo entendido pelos trotskistas da Quarta Internacional enquanto uma política de “assimilação estrutural”, feita de cima pra baixo, que coloca países de natureza social capitalista subjugados a uma ditadura policial perpetrada pela burocracia stalinista nos permite uma compreensão possível de aproximação com o conceito abordado por Bensaïd

enquanto o confisco burocrático do poder, na medida em que o avanço do domínio da burocracia se deu de cima para baixo, por anexação, não por meio de uma tomada do poder ativa e protagonizada pela classe proletária. (BENSAÏD, 2008)

4.4. Contrarrevolução burocrática e termidoriana

Uma das expressões mais recorrentes no trabalho de Bensaïd para categorizar o stalinismo é a de “contrarrevolução termidoriana” (BENSAÏD, 2008), no sentido de entender a contrarrevolução como uma reação do Estado contra a sociedade, nos termos utilizados pelo próprio Marx (2019) ao realizar uma análise política dos partidos da Grã-Bretanha durante as eleições na Inglaterra e as implicações desse processo através de seu artigo “The Elections in England - Tories and Whigs. Nesse aspecto, Bensaïd cunha essa contrarrevolução como uma “reação burocrática”. (BENSAÏD, 2008)

Em um outro texto de sua autoria intitulado “Introdução Crítica À Introdução Ao Marxismo, de Ernest Mandel: Trinta Anos Depois”, escrito em 2007, ao debater com o texto de Mandel acerca da concepção de burocracia que se instaurou na União Soviética, Bensaïd (2017) também nos traz uma outra contribuição complementar acerca de sua noção do Termidor, a partir de uma analogia em que, segundo ele,

uma contrarrevolução não é uma revolução em sentido contrário (uma revolução às avessas), mas o contrário de uma revolução; não um evento simétrico ao evento revolucionário, mas um processo. Nesse sentido, a contrarrevolução burocrática na União Soviética começou nos anos 1920, e a queda da União Soviética foi apenas o último episódio. (BENSAÏD, 2017, p.139).

Nesse diapasão, Bensaïd (2008) também vai retratar o stalinismo enquanto uma contrarrevolução burocrática, por entender que a sua raiz advinda do resultado de contradições sociais que estavam colocadas naquele período e, que se expressaram enquanto uma reação do Estado contra a própria sociedade, retira do próprio stalinismo a conotação de ser uma consequência inevitável de Outubro, dirimindo com isso uma concepção fatalista da história. A categoria de contrarrevolução também auxilia a retirar do stalinismo toda uma interpretação de continuidade dos princípios e práticas associadas ao próprio socialismo marxista e revolucionário, da mesma maneira que ao comunismo e ao próprio leninismo. Assim, Bensaïd também foi levado a não criar uma separação esquemática do stalinismo sendo apenas um “desvio teórico”, como se pudesse atribuir um grande saldo teórico e de viés intelectual às vulgatas presentes nele, mas intensificando sua tese de que as raízes do

stalinismo advém de um conjunto imbricado de contradições sociais colossais, e que reclama, por isso, uma análise profunda e séria para não cair em esquematizações simplistas e armadilhas que reduzam um processo complexo a um mero desvio de cunho teórico, ignorando inclusive fatos, eventos históricos e práticas políticas que foram tomadas através das diretrizes oriundas do stalinismo:

A explicação do stalinismo como sendo um “desvio teórico” lembra, então, a procura de um pecado original. Ela leva não só a uma liquidação do “leninismo”, mas também, em grande medida, a uma renúncia ao marxismo crítico, ou mesmo à herança do Iluminismo: da culpa de Lenin, logo se remontou à “culpa de Marx” e mesmo à “culpa de Rousseau”! (BENSAÏD, 2008, p.75)

Em sua obra “Trotskismos”, publicada originalmente em 2002, Bensaïd (2008) se utiliza da expressão contrarrevolução burocrática e explicita a tese de não-continuidade do stalinismo frente à Revolução de Outubro de 1917. Nessa linha, o autor argumenta que de Outubro até o Gulag existem elementos qualitativos que diferem o escalonamento da repressão e do aparelhamento burocrático. Algo importante a ser destacado é que o autor não ignora que houve, desde a década dos anos 20, assim como em meio à guerra civil, eventos, indícios e escolhas que contribuíram para o processo de burocratização do Estado soviético. No entanto, defende que houve um salto progressivo a partir de acontecimentos históricos que qualificam os marcos que mudaram substancialmente o caráter desse Estado. De tal modo,

Não se trata de contrapor ponto a ponto, de maneira maniqueísta, uma lenda dourada do "leninismo de Lenin" ao leninismo de Stalin, os luminosos anos 20 aos tristes anos 30, como se nada tivesse começado ainda a apodrecer no país dos soviets. É claro que a burocratização esteve imediatamente em andamento, é claro que a atividade policial das tchecas tinha sua própria lógica, é claro que a prisão política das Ilhas Solovski já estava aberta após o fim da guerra civil e antes da morte de Lenin, é claro que a pluralidade de partidos fora suprimida, a liberdade de expressão, limitada, os direitos democráticos, mesmo no partido, restritos desde o X Congresso de 1921. (BENSAÏD, 2020, n.p)

Na sequência, o autor acrescenta expondo as nuances que trouxeram inflexões e deslocamentos tensionando conquistas democráticas oriundas do legado da Revolução de Outubro em contraponto às investidas da reação burocrática:

Apesar da reação burocrática, que logo começa a "congelar a revolução", apesar da penúria e do atraso cultural, o impulso revolucionário inicial ainda se faz sentir ao longo dos anos 20, nas tentativas pioneiras no front de transformação do modo de vida: reformas escolares e pedagógicas, direito da família, utopias urbanas, invenção gráfica e cinematográfica. É também esse impulso que permite explicar as contradições e ambiguidades da "grande transformação" operada na dor do período do entreguerras, quando ainda se misturavam o terror burocrático e a energia da esperança revolucionária. Tomar consciência do significado e do alcance histórico

desse fenômeno não foi a menor das dificuldades. (BENSAÏD, 2020, n.p)

Diante disso, os aspectos a serem destacados desses elementos que compõem esse marco de mudança qualitativa seriam o período em que é adotado no Estado Soviético o Primeiro Plano Quinquenal, em 1929 e os expurgos a partir de 1930. Assim, diferente de autores que vão caracterizar o stalinismo através das intrigas palacianas ou de aspectos psicologizantes dos seus ditadores, uma abordagem materialista da contrarrevolução burocrática, tratada através de Bensaïd, mas primordialmente lançada por Trotsky, irá se preocupar em destrinchar acerca das condições sociais e históricas do período em questão. Com efeito, a análise de ambos se debruça em investigar “o grau de cristalização dos privilégios, as relações entre as classes, o partido e o Estado, a política internacional da direção burocrática” (BENSAÏD, 2008, p.33). A contrarrevolução burocrática se apresenta, destarte, enquanto uma análise fenomenológica e política do stalinismo. Além disso, Bensaïd reforça esses elementos acerca da grande virada dos anos 30 na reação burocrática quando:

A maior parte dos testemunhos e documentos sobre a União Soviética ou sobre o próprio Partido Bolchevique não permitem ignorar, na estreita combinação de ruptura e continuidade, a grande virada dos anos 30. A ruptura prevalece de longe, testemunhada por milhões e milhões de pessoas famintas, deportados, vítimas de processos e expurgos. Foi necessário desencadear essa violência para chegar ao "congresso dos vencedores" de 1934 e à consolidação do poder burocrático. (BENSAÏD, 2020, n.p)

Durante esse período, o autor detalha, em diálogo com o historiador Moshe Lewin, quais acontecimentos denotam o salto qualitativo que diferencia o stalinismo e sua alavancada autoritária em contraste com a política da Revolução de Outubro que orientava os bolcheviques desde o início:

Simultânea à colectivação forçada, uma reforma capital do sistema de detenção entra em vigor em Junho de 1929, generalizando os campos de trabalho para os destinos condenados a penas superiores a três anos. Perante as grandes fomes de 1932-1933 das migrações interiores, uma decisão de Dezembro de 1932 introduz os passaportes internos. A lei do 1º de Dezembro de 1934 legaliza os procedimentos expeditivos que forneceriam um instrumento jurídico ao grande terror. Começa então o ciclo propriamente terrorista, marcando pelas grandes purgas de 1936-38. Mais da metade dos delegados de 1934 foram eliminados. Mais de 30.000 quadros do exército, entre 178.000, foram presos. Paralelamente, os efectivos do aparelho do estado burocrático explodiam. Segundo as estatísticas analisadas pelo historiador Moshe Lewin, o pessoal administrativo passou de 1.450.000 membros em 1928, para 7.500.000 em 1939. O número de “colarinhos brancos” cresceu de 4 milhões para cerca de 14 milhões. O aparelho de Estado devorava o partido que acreditava poder controlá-lo.

Sob o chicote burocrático, o país conhece então uma mudança radical sem equivalente mundial. Entre 1926 e 1939, as cidades engrossam os 30 milhões de habitantes. A força de trabalho assalariada passa de 10 a 22 milhões. Do que resulta

uma ruralização massiva das cidades e a imposição despótica de uma nova disciplina de trabalho. Esta transformação a passo forçado era acompanhada de uma exaltação nacionalista e de um desenvolvimento massivo do carreirismo. (BENSAÏD, 2008, p.32)

Bensaïd (2008) relata que, a partir de 1927, os expurgos começam, com a deportação naquele ano de mais de 1.500 pessoas, dentre elas militantes da Oposição de Esquerda do partido bolchevique, incluindo Zinoviev e Trotsky, que foram expulsos do partido e, no caso de Trotsky, exilado em Alma Alta. Ainda, segundo o autor, “A repressão burocrática com mais de meio século tinha despedaçado as tradições políticas, atomizado o proletariado, destruído o espaço público e pulverizado a sociedade civil desses países” (BENSAÏD, 2008, p.128), por meio de métodos que buscavam assegurar a existência e permanência de uma camada burocrática no poder do regime soviético realizando negociações com potências imperialistas, o que levou à linhas políticas que oscilavam na medida em que era conveniente aos interesses e relações diplomáticas entre esses países, ao mesmo tempo que sufocava as revoluções periféricas e o movimento operário internacionalmente.

Ernest Mandel (1982), por sua vez, também faz um apanhado crítico sobre o stalinismo que se contrapõe a uma mera caracterização que reduza os abusos cometidos durante o regime de Stálin enquanto uma psicologia voltada ao líder autoritário e personalista. Em contrapartida, a interpretação acerca do stalinismo deve considerá-lo enquanto um fenômeno social, buscando desvelar suas raízes sociais. Com relação ao stalinismo soviético, Mandel o caracteriza por meio da degenerescência burocrática, que se valeu por meio da camada social operária que se privilegiou no poder do Estado, o terror policial, os expurgos dos anos 30 e 40, o assassinato da vanguarda da revolução de Outubro, os processos de Moscou, etc. Em seguida, há também o elemento de cerceamento das liberdades políticas e democráticas da classe operária, de modo de que os trabalhadores não detém o controle dos soviets, além de não possuírem os meios necessários para determinar os rumos das políticas econômicas, culturais, internas e externas. Sob o mundo capitalista, a ingerência da URSS reside para com os partidos stalinizados, que seguem as diretrizes e políticas orientadas pelo Kremlin⁹, de acordo com os interesses geopolíticos e diplomáticos do Estado soviético. Por último, Mandel nos apresenta o elemento ideológico do stalinismo enquanto fenômeno social, que se expressa na medida em que a teoria marxista é rebaixada com o objetivo de servir como um arcabouço a ser instrumentalizado para justificar as guinadas táticas do stalinismo.

Em resumo, nos deparamos com uma miríade de processos que vão dar um lugar específico e distinto ao stalinismo com relação a outros períodos históricos, com outras crises

⁹ Fortaleza que sedia os governos russos, inclusive durante a União Soviética.

que o próprio Estado soviético precisou de lidar antes da morte de Lenin e durante a guerra civil, com pressões externas do mercado mundial, entre outros aspectos. Esses processos foram marcados desde a fome que abalou os anos de 1932 e 1933, às prisões e deportações em massa através dos expurgos, da mesma forma que o aumento expressivo do Estado com um corpo de funcionários totalmente renovado e com uma concepção de administração partindo de uma visão tecnocrata e carreirista.

Mais adiante, Bensaïd (2008) recupera mais um balanço importante de Trotsky, feito a partir de 1937, em que a caracterização do stalinismo deixa de ser tomada desde os termos do centralismo burocrático. Nesse marco, o desenrolar do que foi a política dos processos de Moscou e a repressão do regime, o qual já foi descrito anteriormente, colocam os interesses da burocracia em um outro patamar. Assim sendo, deixa de ser suficiente o uso da terminologia “centralismo burocrático”, usada anteriormente por Trotsky. A partir daí, definitivamente, passa-se a se reivindicar o uso das expressões de “contrarrevolução burocrática e termidoriana”. É nesse momento que Trotsky deixa de defender uma linha de apenas reformar o regime stalinista, mas ao entender que as diretrizes da burocracia se estabeleceram no terreno mundial, aponta que só uma revolução política no interior da contrarrevolução seria capaz de recuperar o Estado soviético e restaurar a democracia no seu interior.

Não obstante, Bensaïd (2017) no início do texto “Marxismo contra Totalitarismo”, ao questionar a disputa ideológica utilizada para enfraquecer as bases do marxismo e a luta por emancipação da classe operária e dos povos oprimidos, irá apontar as mazelas históricas atribuídas à Marx como o grande teórico idealizador das práticas que, em verdade, foram reproduzidas e galgadas pelo stalinismo. Nesse debate, Bensaïd vai colocar que:

Recai sobre ele a responsabilidade de ter reduzido a Lei a um simples artifício de dominação, de ter negado a instância jurídica e dissolvido a esfera específica do direito na do poder, de ter liquidado toda a teoria da política e do Estado em benefício de um vulgar determinismo econômico. [...] partido único e polimorfo, berço do Estado totalitário que, em seus próprios princípios, nega e exclui toda possibilidade de oposição interna à sociedade. (BENSAÏD, 2017, p.73)

Nesse trecho, ao retratar a relação direta estabelecida entre o marxismo e o stalinismo por essa iniciativa de difamação que ele chama de “estado de sítio decretado contra o marxismo”, Bensaïd aponta alguns elementos centrais identificados no regime stalinista e que são atribuídos ao Marx. São eles: a) Redução da lei a um simples artifício de dominação; b) a dissolução da esfera do Direito na do poder; c) liquidação de toda a teoria da política e do Estado, e aqui dá-se a entender a Teoria da política e do Estado marxista com base em um determinismo econômico vulgar; d) o estabelecimento do “partido único e polimorfo”; e) a

exclusão de toda a possibilidade de oposição interna à sociedade. Esses aspectos serão melhor esmiuçados ao longo das seções deste capítulo.

Partindo dos pressupostos discutidos e levantados pelo autor, não podemos apresentar um manual de instruções para dar uma solução simples e fácil enquanto alternativa aos equívocos e excessos que de fato ocorreram, mas pode-se tirar lições desses acontecimentos. Nessa linha, Bensaïd aposta enquanto contraponto aos processos de repressão e burocratização:

Como uma sociedade não é unificada como um todo, mesmo após a derrubada da antiga ordem, não se pode pretender socializar o Estado por decretos sem correr o risco de estatizar a sociedade. Como a sociedade não é unificada como um todo, os sindicatos devem permanecer independentes em relação ao Estado e aos partidos, e os partidos, independentes em relação ao Estado. As contradições entre os interesses existentes na sociedade devem poder ser expressas por uma imprensa independente e por uma pluralidade de formas de representação. É também por esse motivo que a autonomia da forma e da norma jurídica deve garantir que o direito não seja reduzido à arbitrariedade perenizada da força. (BENSAÏD, 2020, n.p)

4.5. O partido único

A defesa e implementação do partido único sob a égide do stalinismo se deu pautada por uma concepção ilusória de que as contradições e limites entre as classes estavam em vias de serem eliminadas da sociedade. O artífice de uma classe monolítica, com um pensamento uniforme à posição do partido expressa uma característica do stalinismo onde não há distinção entre classe trabalhadora e o partido, entre o político e o social. Em sua crítica, Bensaïd (2008) coloca que essa sobreposição do partido justifica-se na doutrina stalinista para melhor legitimar sua dominação sobre o proletariado. Ele também revela que:

O leninismo, ou, antes, o leninismo stalinizado erigido em ortodoxia de Estado é frequentemente responsabilizado pelo despotismo burocrático. A noção de partido vanguardista, distinto da classe, teria carregado em germe a substituição do aparelho em relação ao movimento social real e também todos os círculos do inferno burocrático. (BENSAÏD, 2020, n.p)

Nesse sentido, podemos traçar uma conexão dos elementos elencados por Bensaïd com as formulações já constatadas por Trotsky em “A revolução Traída” como no trecho a seguir onde a confusão ou conexão dos órgãos do partido com as instituições do Estado prejudicaram, na perspectiva de Trotsky, a liberdade e elasticidade do regime interno do partido.

A proibição dos partidos de oposição acarretou a das frações; a proibição das frações conduziu à proibição de pensar de modo diferente do chefe infalível. O monolitismo policial do partido teve, conseqüentemente, a impunidade burocrática, que se tornou, por sua vez, a causa de todas as variedades de desmoralização e de corrupção. (TROTSKY, 2020, p.156)

Na esteira de sua crítica no tocante à confusão existente entre o político e o social, o Estado, partido e a classe, Bensaïd em outro texto qualifica ainda mais o seu apontamento:

Foi a burocracia stalinista, e não Marx, que decretou realizadas a unidade sem falhas do proletariado e a identidade da sociedade com o Estado, esmagou as contradições da consciência coletiva em movimento sob o imperativo da Razão de Estado e fundiu na esfera do direito público todos os ramos do direito. (BENSAÏD, 2017, p.76)

Por sua vez, o autor defende a tese, assim como Trotsky, de que o partido representa apenas uma camada da classe, que é heterogênea e, conseqüentemente, diversa. Bensaïd reconhece as disputas, tensões e contradições existentes e legitima a pluralidade que é própria dessa classe. Para ele, “a distinção fundadora entre o partido e a classe trabalhadora abre, efetivamente, a perspectiva de uma autonomia relativa e de uma pluralidade da política: se o partido não se confunde mais com a classe, esta pode dar lugar a uma pluralidade de representações.” (BENSAÏD, 2021, n.p) .

Em contraponto a essas determinações presentes e decretadas na burocracia stalinista, Bensaïd (2017) vai defender, em alinhamento com as formulações de Trotsky em “A revolução traída”, o princípio do pluripartidarismo. Nele, Trotsky ao invés de partir de um pressuposto onde prevalece uma suposta “unidade sem falhas do proletariado”, reconhece uma heterogeneidade da classe que lhe é própria e que, de acordo com o pensamento trotskyano, “a consciência de uma classe não corresponde exatamente a seu lugar na sociedade”, o que já se contrapõe com a tese de que há unidade na consciência do proletariado, mas que por sua vez projeta o seu caráter multifacetado, “porque uma classe é dilacerada por antagonismos internos”. Em concordância com esse princípio defendido desde Trotsky, identifica-se um elemento significativo que faz com que ele não seja um adepto do partido único dentro da União Soviética, mas que proponha em seu oposto o pluripartidarismo como alternativa a esses antagonismos e contradições presentes dentro da consciência da classe.

Em consonância e diálogo com o princípio do Trótski em defesa do pluripartidarismo dentro de uma sociedade em transição ao socialismo como a União Soviética, Bensaïd defende que, em contraponto ao que foi defendido e implementado pela burocracia stalinista:

o reconhecimento do direito à pluralidade de partidos implica necessariamente a distinção entre esses partidos e o aparelho de Estado, assim como uma definição institucional de suas condições de funcionamento, expressão, participação no exercício do poder, em outras palavras, a codificação háde um direito público distinto do poder, de uma verdadeira legalidade na fase de transição.” (BENSAÏD, 2017, p.77)

O que se exprime por meio da disputa dessas duas chaves de concepção sobre como as instituições devem se colocar e funcionar dentro de uma sociedade de transição ao socialismo é que, ao apontar para os ditames da burocracia stalinista, de um lado, a defesa do partido único tende a reforçar a tese de que Estado socialista e partido não se separam e devem ser concebidos em unidade dentro de um modelo de sociedade em transição ao socialismo. Por outro lado, a concepção defendida por Bensaïd, ancorada nos princípios outrora defendidos por Trotsky, é baseada na distinção entre o partido e o aparelho do Estado, portanto proclamando que deve haver uma independência face essas duas esferas.

Para mais, o leninismo segundo o qual Bensaïd (2020) se propõe a convergir também se preocupa com as contradições existentes com relação à consciência coletiva. De tal maneira, o imperativo da Razão de Estado criticado pelo autor se desmonta quando Bensaïd recupera em Lenin princípios de adequação dos representantes aos representados que tendencialmente levam à queda do Estado político. Lenin foi uma figura que, como bem defende Daniel, reconhecia as dissociações na esfera política e social, sendo que a consciência política para o dirigente bolchevique russo era uma ferramenta estratégica de atuação atribuída ao partido para se conectar com o movimento das massas. As representações políticas se defrontavam por meio de um jogo permanente de deslocamentos e condensações, de tal maneira que mandatos não eram definitivos nem imperativos, mas revogáveis; o salário dos parlamentares não era entendido como algo a se sobrepor ao de um operário; defendia-se o apoio à fiscalização perante o exercício da função mandatária, dentre outras séries de tratados que condicionavam as esferas política e social dentro de um câmbio dinâmico de modulação, ao invés de estático, tecnicista e verticalizado.

Somado a isso, Bensaïd reconhece que, por meio de um partido plural e democrático, se faz possível uma efetiva troca permanente entre o partido que se busca construir e as experiências do movimento das classes oprimidas. O reconhecimento da legitimidade do pluripartidarismo é, para ele, o diálogo frente à diversidade expressa dentro desse movimento existente no interior dos trabalhadores e trabalhadoras. Dessa maneira, ter-se-á a abertura necessária para uma sociedade socialista pautada no pluralismo, em contraposição, ao modelo de partido existente na burocracia stalinista. Nesse sentido, Bensaïd alerta que “a democracia é uma condição e não um obstáculo à unidade. E é também uma cultura democrática que

servirá para o futuro, porque a burocracia e a burocratização não são apenas o stalinismo.” (BENSAÏD, 2023, n.p).

Decerto, Bensaïd não ignora as inconveniências e excessos que podem se desenvolver na aplicação de formas organizativas que consideram seja o pluripartidarismo seja a possibilidade de existência de tendências internas dentro de organizações revolucionárias. No entanto, a busca por uma cultura democrática que supere a democracia no seio dessas ferramentas políticas, para o autor, não pode excluir nem ignorar a diversidade que é expressa por meio de múltiplas correntes ou partidos.

De toda maneira, convém introduzir o aspecto fundamental do reconhecimento dos antagonismos e heterogeneidade de nossa classe, em vistas que dentro da sociedade capitalista a opressão de classe está complexada em conjunto com outras dinâmicas de divisão nas quais essas coletividades são demarcados: raça, classe, sexo, sexualidade, gênero, etnia, religião, nacionalidade, entre outros. A classe trabalhadora não é amorfa, neutra e sem vida, mas possui uma série de demarcadores políticos e sociais que atravessam suas existências de maneira objetiva bem como suas consciências. Diante disso, essa compreensão nos permite abrir o horizonte das lutas sociais para um escopo de demandas e reivindicações que muitas vezes o marxismo ortodoxo e vulgar tomado por uma visão monolítica e simplificadora da classe como um corpo uno historicamente se demonstrou um repelidor das pautas de existência e autoafirmação desses sujeitos e corpos. Evidentemente, todas essas dimensões de lutas sociais e afirmativas são necessárias para que a classe trabalhadora, dados os seus marcadores de opressões e em vistas a sua diversidade, tenham condições de, por exemplo, acessar o mercado de trabalho formal, se organizar politicamente e, anteriormente ao processo de conseguirem tomar consciência de si enquanto classe explorada, se reconhecerem enquanto seres humanos.

4.6. Considerações acerca da categoria de “totalitarismo burocrático”

Não é incomum nos depararmos com o uso de expressões como “totalitarismo burocrático” em alguns dos textos de Bensaïd. No entanto, é válido refletir o quanto o uso dessa categoria apresenta limitações e imprecisões, sobretudo pela sua abordagem cada vez mais respaldada e apropriada pelo campo liberal e anticomunista disposto à instrumentalizar o conceito de modo a buscar traçar uma falsa equivalência entre o comunismo e o nazismo ou o fascismo, ressaltado por uma simetria calcada na noção de uma suposta continuidade presente em boa parte do discurso de figuras liberais ou stalinistas em demarcar o stalinismo como

uma continuidade do próprio leninismo e representando autenticamente o legado e as bandeiras da Revolução de Outubro, do marxismo, por conseguinte, do comunismo.

Em suma, ao ler algumas de suas obras nos deparamos com Bensaïd utilizando-se desse tipo de categoria, em diálogo com Trotski e mesmo com Hannah Arendt, como demonstrado no trecho a seguir:

Trotski situa o início da reação termidoriana por ocasião da morte de Lenin. Mas ela somente é vitoriosa de maneira efetiva no início dos anos 1930, com a vitória do nazismo na Alemanha, o processo de Moscou, os grandes expurgos e o terrível ano de 1937. Em *Origens do totalitarismo*, Hannah Arendt adota uma cronologia semelhante, que data de 1933 ou 1934 o advento do totalitarismo burocrático propriamente dito. (BENSAÏD, 2008, p.72)

Ainda assim, Bensaïd não ignora que os marcos desse uso não sejam exatamente os mesmos, de modo que o autor não deixa de trazer uma reivindicação crítica desse conceito, reconhecendo inclusive que poderia ser possível encontrar uma forma de categorização capaz de evitar usos cada vez mais abrangentes e esvaziados. Sobre esse apontamento crítico acerca do termo “totalitarismo burocrático”, ele coloca:

Ficamos impressionados com o uso frequente que Trotski faz dessa categoria, cuja máxima ele cunha magistralmente em sua obra *Stalin*: “A sociedade sou eu!”. No entanto, ele não estabelece de maneira precisa o status de um conceito que pode se mostrar útil para se pensar ao mesmo tempo algumas tendências contemporâneas (pulverização das classes em massas, etnicização e enfraquecimento tendencial da política) analisadas por Hannah Arendt em sua trilogia sobre as *Origens do totalitarismo*, nem a forma específica que elas tomam no caso particular do totalitarismo burocrático. Esse esclarecimento permitiria evitar que um uso vulgar e extremamente elástico servisse para fazer da oposição entre democracia pura e totalitarismo indefinido a única linha divisória legítima de nosso tempo. (BENSAÏD, 2008, p.78)

Além disso, em seu texto “Comunismo contra stalinismo”, ao responder a equipe de historiadores que publicou, por meio da obra intitulada “O livro negro do comunismo”, números e dados megalomaniacos acerca das vítimas do stalinismo sem muita precisão de sua contabilidade, Bensaïd (2020) distingue categoricamente qualquer semelhança de conteúdo presente entre o que ocorreu na contrarrevolução burocrática stalinista e o projeto colocado em prática durante o nazismo. Em suas palavras:

Que é legítimo e útil comparar nazismo e stalinismo não é novo – Trotski não falou de Hitler e Stalin como “estrelas gêmeas”? Mas comparação não é justificação, e as diferenças são tão importantes quanto as semelhanças. O regime nazista cumpriu seu programa e manteve suas promessas sinistras. O regime stalinista foi construído contra o projeto de emancipação comunista. Para instaurar-se, precisou esmagar seus militantes. Quantos dissidentes, quantas oposições ilustram, no entreguerras, essa trágica virada? Os suicidados Maiakovski,

Joffé, Tucholski, Benjamin e muitos outros? Podemos encontrar, entre os nazistas, essas crises de consciência diante das ruínas de um ideal traído e desfigurado? A Alemanha de Hitler não tinha necessidade, como a Rússia de Stalin, de se transformar no "país da grande mentira": os nazistas estavam orgulhosos de seu trabalho, enquanto os burocratas não podiam se olhar no espelho do comunismo original. (BENSAÏD, 2020, n.p)

Dito tudo isso, é possível compreendermos dentro desse uso crítico de Bensaïd à categoria do “totalitarismo burocrático” o reconhecimento de uma dimensão de elasticidade, termo esse presente em algumas de suas ressalvas referentes à abrangência e aplicação que costuma ser atribuída ao termo.

Em sua obra “Trotskismos”, quando o autor apresenta as discussões presentes por meio de figuras que compuseram a seção americana da Quarta Internacional, a Socialist Workers Party, ele compara a abordagem que Bruno Rizzi, autor de “A burocratização do mundo”, utiliza por meio da categoria de “coletivismo burocrático” com a utilização do termo “totalitarismo”. De acordo com Bensaïd, Rizzi utiliza o conceito de “coletivismo burocrático” buscando evidenciar uma nova ordem que se conformava no mundo por meio de regimes burocráticos que se estabeleciam em diferentes nações, a exemplo do fascismo, do stalinismo e do New Deal. Ao comparar essa abordagem com o uso rotineiro do termo “totalitarismo”, Daniel aponta que “ a noção de coletivismo burocrático apresenta então ambiguidades simétricas à da noção elástica de totalitarismo, permitindo meter no mesmo saco relações sociais fortemente diferentes.” (BENSAÏD, 2008, p.58)

Segue-se que o uso crítico ao termo “totalitarismo” presente na obra de Daniel Bensaïd nos permite identificar que é preciso nos atentar que há diferenças qualitativas entre esses processos, pois se conformam através de relações sociais distintas no seu interior. Isto posto, não é forçoso reconhecer que, ainda que se faça existente a utilização da categoria do totalitarismo na abordagem de Bensaïd, o próprio autor por meio de suas formulações nos cobre de ferramentas para também nos apropriar dessa categoria de forma crítica, assumindo por vezes que esta seja insuficiente para dar conta das dimensões de complexidade que envolvem cada um desses fenômenos. Em decorrência disso, faz-se necessário que tratemos deles por meio de categorias distintas, levando em conta todas as suas particularidades e relações sociais próprias.

Ademais, indo mais a fundo, Bensaïd nos evidencia que na própria tentativa de buscar apregoar um cunho excessivamente produtivista desde a fonte marxiana coloca-se como algo imprudente e inadequado, dado que a abordagem de Marx sobre a questão ecológica e de debates acerca do desenvolvimento industrial na realidade capitalista ao longo de suas obras não é homogênea. Sendo assim, o autor nos permite romper com a concepção daqueles que

buscam justificar ou explicar o fenômeno burocrático stalinista desde bases marxianas, pois é algo que não condiz com o próprio debate produzido por Marx:

Com toda a certeza, seria anacrônico exonerar Marx das ilusões prometidas de seu tempo. Seria igualmente abusivo fazer dele um pregador descuidado da industrialização a qualquer preço e do progresso em sentido único. Não se teria condições de confundir as questões que ele levantou com as respostas oferecidas posteriormente pelos epígonos social-democratas ou stalinianos. Neste, como em outros pontos, a contra-revolução burocrática na URSS marca uma ruptura. (BENSAÏD, 1999, p.433)

Ao recuperar os Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844, escritos pelo jovem Marx, Bensaïd (1999) retoma o debate em que Marx debruça sobre o ser natural, em que o ser humano, que se alimenta da natureza inorgânica, exterior a ele, faz parte da natureza. A fetichização da mercadoria vai também transformar a forma em que o ser humano se relaciona com a natureza e como se reconhece nela. Aquilo que antes era o natural, dentro do capitalismo, passa a ser tratado enquanto um fim último, separado das necessidades sociais. As necessidades passam, assim, a ser consideradas, conforme exposto na interpretação de Bensaïd, como bestiais. O que temos é uma bestialização do que é natural e vital do ser humano. Mais adiante, ele vai dizer que, em Marx, a reconquista da naturalidade do ser humano é colocada como uma condição para a sua emancipação e que o comunismo apresenta-se, assim sendo, enquanto um naturalismo consumado. De tal maneira, podemos encontrar desde Marx uma abordagem que relaciona o ser humano com a natureza, ainda que por meio de suas ligações vitais e de subsistência, mas que não os separa umbilicalmente e que retoma essa aproximação ao abarcar o debate sobre a emancipação proposta por uma sociedade comunista. Portanto, Bensaïd vai afirmar que é possível encontrar em Marx uma unidade entre humanismo e naturalismo consequente, rompendo inclusive com antinomias clássicas da filosofia que dicotomizam essas categorizações.

O homem é um ser natural, mas é “um ser natural humano”. Nessa humanidade, a natureza nega-se sem se apagar. Ela fende-se e diferencia sem romper-se. Da mesma forma que o ser e o nada se unem no devir, o natural e o humano se unem na história, que é o devir específico de ambos. (BENSAÏD, 1999, p.437)

Ao fazer uma leitura crítica e investigativa dos Manuscritos de Marx, Bensaïd vai apontar o quanto a sua obra discorre sobre a criação de valor excedente absoluto enquanto um aspecto primordial da aceleração histórica que irá levar à expansão da sociedade mercantil. A partir daí, estabelece uma relação sobre como o primado do valor de troca dentro da sociedade capitalista vai subordinar a natureza e suas exigências aos mandos e desmandos das leis do

comércio, em como Marx irá apontar, no seu tempo, o modo como a agricultura será transformada a partir dessas relações de produção. Dessarte, “a produção de valor excedente relativo” e a ganância pelo lucro vai exigir uma dinâmica dentro da sociedade que irá atravessar desde o aumento na esfera da produção, acarretando no produtivismo, no aumento da circulação de mercadorias entre as sociedades e o desenvolvimento de novas carências humanas. Efetua-se que Bensaïd, à luz dos estudos do jovem Marx, conclui:

O aumento ilimitado da produção não pode com efeito ser absorvido só pela extensão quantitativa do consumo. Ele leva à “produção de novas carências e à descoberta e criação de novos valores de uso”. A lógica própria do capital anuncia assim o surgimento da sociedade de consumo. (BENSAÏD, 1999, p.440)

Dito tudo isso, ao apontar uma influência da abordagem materialista-naturalista presente na filosofia da natureza existente em Schelling, em que a natureza é interpretada por meio dos processos de transformação e troca, nas reflexões de Marx dentro dos Manuscritos de 1844, Bensaïd conclui que:

A noção de “troca orgânica” ou de metabolismo (*Stoffwechsel*) aparece desde os *Manuscritos* de 1844. Ela remete a uma lógica do ser vivo que contraria a causalidade mecânica e anuncia a ecologia nascente. Marx aí comparece pela herança da filosofia alemã da natureza concebida como totalidade em movimento e unidade do sujeito e do objeto. (BENSAÏD, 1999, p.447)

Diante do exposto, Bensaïd foi capaz de acumular em sua síntese molduras que nos permitem avaliar o quanto que a obra de Marx está cercada de ambivalências e bifurcações, de tal maneira que ainda que não seja possível tratá-lo como um ecologista radical, o debate ecológico e a abordagem da relação entre o ser humano e a natureza, da interação entre orgânico e inorgânico; a composição metabólica que inscreve uma relação que antes era integrada, mas que transforma-se em uma relação de não-reconhecimento e estranhamento; de que as transformações causadas pelo capitalismo no trato com o solo e a agricultura, não podem ser ignorados em nossa análise. Da mesma maneira, ainda que seja possível apontar um certo impressionismo para com as transformações industriais e uma influência da ideologia do progresso, ainda que limitada em seu pensamento e obra, o que é em certa medida compreensível dada o contexto histórico que viveu, não seria honesto, e Bensaïd nos demonstra bem isso, tratá-lo como um apologético defensor do produtivismo e do progresso de maneira acrítica, sobretudo com o intuito de traçar uma ligação indissolúvel de seu pensamento filosófico e político para com as práticas produtivistas e burocráticas do stalinismo, também analisadas e criticadas por meio deste trabalho.

4.7. *O produtivismo burocrático e a questão ecológica no stalinismo*

Ao partir de uma crítica ecossocialista à experiência do stalinismo soviético, Bensaïd assinala que:

Após a revolução de Outubro, os trabalhos de Vernádski, Gausse, Kacharov, e Stantchínski desenvolveram uma perspectiva ecológica ligada à “transformação do modo de vida”. Em 1933, esse esforço estava destruído. A euforia produtivista da coletivização forçada, as iniciativas faraônicas de industrialização acelerada, do frenesi stakhanovista e da urbanização brutal eram incompatíveis com as inquietudes de uma ecologia crítica. Ao contrário da teoria stalinista da “construção do socialismo em um só país”, o ecossocialismo teria levado a pensar o desenvolvimento da economia soviética dentro dos limites do meio ambiente mundial. Também teria exigido procedimentos democráticos nas escolhas de crescimento, em contradição absoluta com o confisco burocrático do poder. (BENSAÏD, 2017, p.212-213)

Se tomarmos uma ecocrítica ao stalinismo a partir dessa última passagem, conseguimos identificar, então, que a crítica ecossocialista ao stalinismo permeia pela análise e crítica aos processos de coletivização forçada, industrialização acelerada, o stakhanovismo, a urbanização brutal, a construção do socialismo em um só país e o confisco burocrático do poder.

Se a década de 30 marcou uma virada significativa da política soviética no que tange à burocratização e na repressão, não foi diferente no trato com a questão ecológica. Conforme a análise de Bensaïd, a primeira década do Estado soviético pós Revolução de Outubro foi marcada por uma ecologia nascente e efervescente. O autor cita o quanto pesquisadores de destaque, a exemplo de Vladimir Vernadski e Gause irão desenvolver trabalhos importantes e profícuos em debates relacionados à fontes de energia, fenômenos físicos e a biosfera. Essa ecologia crítica e dinâmica que se desenvolvia e que tinha na União Soviética um país pioneiro em sua profusão, vai sofrer um retrocesso brutal devido à reação burocrática stalinista.

Nesta reação burocrática, marcadamente permeada pelo produtivismo, vê-se perpetrado como um dos processos que caracterizam o que se compreende enquanto o produtivismo propriamente dito, a “coletivização forçada”. Segue-se que, por meio dessa política implementada pelo stalinismo, “em 1929, o plano de “coletivização em massa” estabelece o objetivo de 13 milhões de fazendas a serem coletivizadas pela força. A operação causa as grandes fomes e deportações em massa de 1932-1933.” (BENSAÏD, 2020, n.p) Pela leitura de Bensaïd, o impacto da coletivização em conjunto com o processo da

industrialização acelerada desencadeou um deslocamento massivo de populações, que afetou profundamente as cidades por meio de uma migração rural e resultou numa massificação do Gulag¹⁰. Sendo assim,

Jamais algum país do mundo sofreu uma metamorfose tão brutal como a União Soviética dos anos 30, sob o domínio de uma burocracia faraônica: entre 1926 e 1939, as cidades aumentaram em 30 milhões de habitantes e sua participação na população total passou de 18% a 33%; somente no primeiro plano quinquenal, sua taxa de crescimento foi de 44%, quase a mesma de 1897 a 1926; a força de trabalho assalariada mais que dobra (passa de 10 para 22 milhões), o que significa a "ruralização" massiva das cidades, um enorme esforço de alfabetização e educação, a imposição em marcha forçada de uma disciplina do trabalho. Essa grande transformação é acompanhada por um renascimento do nacionalismo, um aumento no carreirismo, o surgimento de um novo conformismo burocrático. (BENSAÏD, 2020, n.p)

Conforme levantado por Lewin, a lógica de modernização acelerada e intensa fez com que a política estabelecida para a agricultura soviética fugisse ao controle. Eis uma visão clara de como se opera a coletivização por meio do aparato burocrático: gerenciamento da agricultura a partir da cúpula. Com isso, não apenas o Estado se sobrecarregava como também os próprios camponeses, que produziam sem energia para tal. Dentre os mecanismos usados para a aplicação da coletivização forçada, combinavam-se o controle, incentivos e repressão. (LEWIN, 2007). Ao mesmo tempo, a industrialização também se deu de forma acelerada, de modo que:

O componente industrial urbano avançava a toda velocidade, enquanto o componente rural, apesar da estagnação e das sublevações, continuava tendo forte presença. Em outras palavras, a transição foi caracterizada por uma mistura explosiva de modernas estruturas técnico-administrativas em larga escala e uma sociedade rural que, sociológica e culturalmente, ainda vivia uma existência tradicional, com seus próprios horizontes e ritmos. (LEWIN, 2007, p.92)

Nessa combustão que envolvia a coletivização forçada e a industrialização a todo o vapor, em um modelo de Estado burocratizado, propenso à repressão e violência por intermédio de lideranças determinadas e disciplinadas, os desdobramentos que se deram frente a esse processo foi um êxodo rural muito grande para as cidades, também chamado de "ruralização". (LEWIN, O SÉCULO SOVIÉTICO, p.92)

A urbanização pode ser entendida como completa no período pós-Stalin, ainda stalinista, em que o historiador vai demonstrar que na década de 1960, 60% das famílias

¹⁰ Segundo o historiador Moshe Lewin, o Gulag inicialmente foi projetado para servir enquanto um campo de detenção mais humano do que as prisões no capitalismo, tendo o intuito de reeducar os prisioneiros por meio do trabalho. Todavia, na prática o Gulag se concretizou enquanto um instrumento de punição por meio de campos de trabalho forçado, também em decorrência do efeito da industrialização acelerada do stalinismo. Ver: LEWIN, Moshe. **O século soviético**: da revolução de 1917 ao colapso da URSS. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

viviam em moradias de propriedade estatal, com cozinhas e banheiros comunitários, mas submetidas a condições muitas vezes precárias. Isso aponta, segundo o autor, um escasso planejamento urbano. Pois, na visão dele:

A acelerada transição de uma sociedade predominantemente rural em outra, principalmente urbana, envolveu, a certa altura, uma fase em que os dois tipos de sociedade se misturavam. Frequentemente incompatíveis, coexistiram em uma mistura explosiva, mas a distância histórica entre os dois permaneceu considerável. (LEWIN, 2007, p.251)

Dentre os impactos desses desequilíbrios, ainda conforme investigado por Lewin, houve “um baixo índice de crescimento populacional, alto nível de migrações populacionais e queda no aumento da população global na distribuição de gerações e sexos, isto sem contar o envelhecimento da população representando cerca de 70% dos habitantes das cidades da União Soviética. (LEWIN, 2007)

Levantados os dados acerca da coletivização forçada, a industrialização acelerada e a urbanização brutal, outros elementos importantes a serem considerados e que colocam em questão os impactos destrutivos aos ecossistemas em decorrência do produtivismo burocrático se dão acerca dos processos conhecidos como Chernobyl e o Mar de Aral. Ao se tratar de Chernobyl, uma central nuclear localizada no norte da Ucrânia, uma das mais importantes Repúblicas da URSS na época, em 1986 sofreu explosões que tiveram como consequência o espalhamento de radiação na atmosfera, nos ecossistemas e na população local. Em relatório disponibilizado pela IAEA, há uma transcrição do pronunciamento de Mikhail Gorbachev, então Secretário-Geral do PCUS, que revelou que “A emissão de vapor e a subsequente reação provocou a liberação de hidrogênio, sua explosão, destruição do núcleo e consequente liberação de materiais radioativos.” (OLIVEIRA, 1986, p.6). As estimativas do número de vítimas tendo em vista as consequências da exposição até os dias de hoje superam os 140¹¹ mil.

Soma-se a isso o processo de desertificação, também consequência de políticas de irrigação mal elaboradas e aplicadas durante o stalinismo. O projeto de desenvolvimento econômico do stalinismo baseado em uma produção agrícola de extensão do algodão por meio de um programa de irrigação onde se disseminou a utilização de agrotóxicos e fertilizantes químicos envenenou a população local, sobretudo crianças, além da fauna e flora local. Os

¹¹ Ver: **Novo estudo do Greenpeace revela que número de mortes por câncer de Chernobyl pode chegar a 93 mil.** Greenpeace, [S.I], 17.abr.2006. Disponível em: <<https://www.greenpeace.org/brasil/publicacoes/novo-estudo-do-greenpeace-revela-que-numero-de-mortes-por-cancer-de-chernobyl-pode-chegar-a-93-mil/>>. Acesso em: 05.dez.2023.

impactos disso causaram uma perda significativa do volume da água do Mar de Aral, que banhava o Cazaquistão e o Uzbequistão, no decorrer da década de 1980, e contribuiu para a morte de peixes e com o processo de desertificação.¹²

Por último, outro movimento mencionado por Bensaïd no qual faz-se importante introduzir uma crítica neste trabalho foi chamado pelo nome de “stakhanovismo”. Nele, por meio do trabalhador mineiro Alexei Stakhanov, que em 1935 protagonizou a extração de uma quantidade de carvão 14 vezes superior ao que era esperado de um trabalhador convencional. deu-se início, em sequência, a um movimento encampado pelo stalinismo de aumento da produtividade no trabalho, que levou a ideologia produtivista e a lógica de racionalização de trabalho aos extremos na cultura do trabalho, sendo utilizado por muitos autores como uma aplicação de princípios tayloristas na indústria soviética. (LUCAS, 2021) A crítica bensaïdiana a esse movimento nos permite refletir sobre como essas investidas serviram para uma adaptação da URSS à ideologia do progresso, do crescimento expansivo, de uma lógica que objetifica o ser humano e o trata, de maneira semelhante ao fetichismo da mercadoria, como “o capital mais precioso”. Em uma passagem presente no último capítulo do livro “Marx, o Intempestivo”, Bensaïd (1999) ao apresentar que a teoria marxiana nos introduz ideias e premissas que partilham da interdependência entre o homem (ser humano) e natureza, como explorado brevemente ao longo do capítulo, nos desponta para uma vocação em que, munidos de uma consciência de sua dupla determinação social e natural, teriam batido de frente com o voluntarismo burocrático que fazia desse ser humano “o capital o mais precioso”.

Dentro dessa categoria do produtivismo burocrático, conseguimos abarcar uma amplitude de outras categorias que denotam os aspectos burocratizantes, autoritários e antiecológicos provindos do stalinismo: a contrarrevolução burocrática, a industrialização acelerada, a coletivização forçada, a crítica ao movimento stakhanovista, do mesmo jeito que os desastres de Chernobyl e do Mar de Aral. Nesse sentido, eu defendo por meio deste trabalho o uso de tal categoria, sem que com isso se exclua ou anule a utilização de outros recursos categóricos também reivindicados pelo autor e apresentados neste trabalho, no intuito de explicar de uma maneira mais qualificada, rigorosa e detalhada os aspectos que permeiam o stalinismo e, em consonância, a ecocrítica que acompanha a oposição comunista

¹² Ver: QOBILOV, Rustam. **A plantação de algodão que fez Mar de Aral virar deserto**. BBC News Brasil, [S.I.], 26.fev.2015. Disponível em:<https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/02/150226_mar_aral_gch_lab>. Acesso em: 05.dez.2023.

e revolucionária a ele.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O QUE A CRÍTICA BensaïdIANA AO STALINISMO TRAZ DE CONTRIBUTO ECOSSOCIALISTA, AFINAL DE CONTAS?

A crítica de Bensaïd ao stalinismo nos alerta, em muitos aspectos, sobre os perigos da burocratização, da tecnocracia na administração pública, na restrição das liberdades democráticas, da restrição à crítica e ao contraditório, da falta de procedimentos democráticos nos espaços de autogestão e de uma cultura democrática no seio da sociedade.

O debate acerca da burocratização é algo que transpõe a própria crítica ao stalinismo. Segundo o autor, a burocratização não acaba com o fim do stalinismo, pois suas raízes são ainda mais profundas: residem na divisão social do trabalho e na desigualdade. A explicação para o fenômeno da burocratização dentro das organizações políticas, para Bensaïd também parte de uma análise social. A burocratização na sociedade moderna e capitalista aparece, então, como consequência da separação do trabalho manual e do trabalho intelectual, assim como na desigualdade para com o ser humano que está alienado do seu tempo livre no processo de exploração do seu trabalho por meio da extração de mais-valor¹³. Sem romper com as distinções arbitrárias promovidas pelo modo de produção capitalista com relação ao trabalho não teremos a capacidade necessária, seguindo o posicionamento de Bensaïd, de superar a burocratização, inclusive a que se expressa por meio do stalinismo .

A defesa de uma saída socialista, em sua definição, passa necessariamente pela defesa da democracia como armadura. Por consequência, todo o debate ecossocialista formulado por Bensaïd (2023) como crítica ao stalinismo é um debate que perpassa, imperativamente, pela defesa da democracia como ferramenta para superar as manifestações burocráticas nas instituições, organizações políticas e no Estado. Nesse aspecto, o debate trazido por Daniel Bensaïd acerca de uma cultura democrática é importante pois esta última cumpre uma função de balizadora para tecer uma capacidade social de superar a burocratização em conjunto com

¹³ Sobre o conceito de mais-valor, Marx no livro 3 de O Capital explica que “o capital durante o processo social de produção que lhe corresponde, extrai determinada quantidade de mais-trabalho dos produtos diretos ou dos trabalhadores, mais-trabalho que o capitalista recebe sem equivalente e que, conforme sua essência, continua sempre a ser trabalho forçado, por mais que possa aparecer como resultado de um contrato livremente consentido. Esse mais-trabalho se representa num mais-valor, e esse mais-valor existe num mais-produto. Mais-trabalho, em geral, como trabalho que vai além das necessidades dadas, tem de continuar a existir sempre.” Mais adiante, ele acrescenta: “O capital extrai diretamente dos trabalhadores o mais-trabalho, que representa o mais-valor e o mais-produto. Nesse sentido, é possível considerá-lo, pois, como produtor do mais-valor.” Ver: MARX, Karl. **O capital, livro III**. São Paulo: Boitempo, 2017. p.882 e 884.

a autoorganização popular nos seus organismos de base. O stalinismo representou a substituição dos organismos e procedimentos democráticos que constituíram um aprendizado que pudesse confabular uma tradição democrática permanente e pulsante na URSS. De acordo com o autor,

A aprendizagem da democracia é algo longo e difícil. Não segue o mesmo ritmo dos decretos da reforma econômica, muito menos na medida em que o país praticamente não tinha tradições parlamentares e pluralistas. Exige tempo, energia e também os meios. A efervescência em comitês e sovietes de 1917 ilustra os primeiros passos desse aprendizado, no decurso do qual uma sociedade civil foi sendo desenhada. (BENSAÏD, 2020, n.p)

Bensaïd também nos aproxima de uma síntese que pode ser capaz de apontar novas direções para superar a confusão proporcionada pelo stalinismo entre o partido e a classe. Conforme o autor demonstra, quando se tem como parâmetro das relações constituídas uma troca metabólica entre o partido e os movimentos sociais, rompe-se com o tipo de noção que alimenta e sobrepõe uma “vanguarda iluminada” que está mais avançada do que as “massas”. (Bensaïd, 2023, n.p) Com isso, a política é tratada não por intermédio de conotações militarizadas, mas mediante uma compreensão cada vez mais dialética e oxigenada dos fenômenos sociais e contemporâneos. Assim, temos muito mais disposição para a construção de partidos sensíveis e abertos a debates que abarquem questões que perpassam o feminismo, indigenismo, decolonialismo e a ecologia. Para além disso, essa síntese nos permite avançar numa leitura contemporânea que não leve a acreditar na autossuficiência nem dos partidos nem dos movimentos sociais, assim como coletivos independentes e outras formas de organização para se pensar as lutas sociais do tempo presente, incluindo a ecológica. Uma leitura bensaïdiana crítica nos provoca a entender que no contexto da emergência climática, as lutas sociais e resistências assumem formas e configurações múltiplas. Nelas, não há anulação entre movimentos sociais e os partidos políticos, ambos cumprem papéis decisivos e necessários nas conformações e direcionamentos dos acontecimentos políticos e históricos, sendo assim devem ter sua autonomia e independência respeitadas, inclusive na garantia de defesa dos seus posicionamentos políticos. Nesses termos,

a resistência é uma pré-condição necessária mas não suficiente. Se nós queremos respeitar a autonomia dos movimentos de massa, então paradoxalmente organizações políticas são necessárias. Obviamente, nós precisamos criar uma cultura de pluralismo, de respeito, mas ao mesmo tempo temos de defender firmemente posições políticas. (BENSAÏD, 2023, n.p)

Segue-se que, na perspectiva bensaïdiana, as formulações de Trotsky dão um salto de amadurecimento em contraposição à política implementada pela burocracia stalinista a partir do Programa de Transição. Em sua análise:

O Programa de Transição de 1938 marca, nesse ponto, uma viragem fundamental. O pluralismo político, a independência dos sindicatos, face ao partido e ao Estado, as liberdades democráticas, tornam-se uma questão de princípio, na medida em que exprimem a heterogeneidade do proletariado e os conflitos de interesses susceptíveis de o atravessar, muito depois da conquista do poder. (BENSAÏD, 2008, p.34)

Parte do desafio contemporâneo de Bensaïd e que segue atual no nosso tempo presente é o de se munir dessas ferramentas programáticas, políticas e de princípio para construir uma resposta à altura dos desafios referentes à emergência climática e em contraposição ao capitalismo industrial, ocidental e moderno no século 21. Bensaïd demonstrou, ao longo de sua trajetória teórica e militante, uma significativa sensibilidade e preocupação com a questão ecológica não apenas nos marcos do produtivismo capitalista, mas também na crítica aos efeitos do produtivismo burocrático. Desse modo, quando pensamos em uma alternativa de sociedade capaz de responder aos impasses promovidos pela mudança climática, coloca-se diante de nós, impreterivelmente, o encadeamento de uma solução anticapitalista e antiprodutivista. A partir disso, pensar um Programa de Transição Ecosocialista, correspondendo a reivindicações e tarefas regionais, nacionais, continentais e globais, por meio de princípios fundamentais que recuperem esses recursos político-programáticos se dá, em conformidade com as proposições de Bensaïd, enquanto um ferramental auxiliador perante os desafios que estão colocados. Em suas palavras:

Podemos discutir a formulação exata das reivindicações transitórias em função da relação de forças e dos níveis de consciências existentes, mas facilmente concordamos com o lugar que aí ocupam as questões relativas à propriedade privada dos meios de produção, comunicação e troca - quer se trate de uma pedagogia do serviço público, da temática dos bens comuns da humanidade ou da questão cada vez mais importante da socialização dos saberes (por oposição à propriedade intelectual privada). (BENSAÏD, 2017, p.167)

Soma-se a esses esforços outras tarefas levantadas por Bensaïd tão relevantes na luta por emancipação e que agregam na questão ecológica como: a redução da jornada de trabalho, o pluralismo político, a autonomia das organizações e movimentos sociais, a defesa e ampliação das liberdades democráticas, o internacionalismo, a independência política e de classe, as lutas contra as opressões - gênero, raça, etnia, sexualidade, religião, nacionalidade, entre outros -, a defesa da autodeterminação dos povos. A partir daí, essas medidas

combinadas com a implementação de políticas de descarbonização e transição da nossa matriz energética para energias renováveis e limpas, o desenvolvimento e investimento em tecnologias que devolvam o carbono para a atmosfera, a abolição da publicidade como ferramenta de difusão da propaganda capitalista atrelada ao consumo desenfreado, o decrescimento, suscitam modulações táticas de maneira dialética enquanto indutoras condicionadas (SEFERIAN, 2019) para uma transformação social, com referências importantes outrora reivindicadas e trazidas por meio dos contributos de Daniel Bensaïd.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A ecologia não pode ser dissolvida na mercadoria. In: BENSAÏD, Daniel. Centelhas. São Paulo: Boitempo, 2017. p.209-220.

A heresia comunista de Daniel Bensaïd. In: LÖWY, Michael. Centelhas. São Paulo: Boitempo, 2017. p.121-126.

BENSAÏD, Daniel. **A Comuna, o Estado e a Revolução.** Marxismo Revolucionário Internacional, 2020. Disponível em: <<https://teoriamarxista.wixsite.com/blog-mri/post/comuna-estado-revolucao-daniel-bensaid>>. Acesso em: 05.dez.2023.

_____. **A hipótese de um “leninismo libertário” segue sendo um desafio de nosso tempo.** Marxismo Revolucionário Internacional, 2020. Disponível em: <<https://teoriamarxista.wixsite.com/blog-mri/post/hip%C3%B3tese-leninismo-libertario-bensaid>>. Acesso em: 05.dez.2023.

_____. **Comunismo contra stalinismo.** Marxismo Revolucionário Internacional, 2020. Disponível em: <<https://teoriamarxista.wixsite.com/blog-mri/post/comunismo-contra-stalinismo-daniel-bensaid>>. Acesso em: 05.dez.2023.

_____. **Estratégia e Partido.** A terra é redonda, 2023. Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/28105-2/>>. Acesso em: 05.dez.2023.

_____. **Frente única e hegemonia.** Marxismo Revolucionário Internacional, 2021. Disponível em: <<https://teoriamarxista.wixsite.com/blog-mri/post/frente-unica-e-hegemonia-daniel-bensaid>>. Acesso em: 05.dez.2023.

_____. **Leninismo no século XXI.** Marxismo Revolucionário Internacional, 2023. Disponível em: <<https://teoriamarxista.wixsite.com/blog-mri/post/leninismo-no-seculo-xxi-daniel-bensaid>>. Acesso em: 05.dez.2023.

_____. **Marx, o Intempestivo:** Grandezas e misérias de uma aventura crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. **Nossa identidade comunista.** Marxismo Revolucionário Internacional, 2020. Disponível em:
<<https://teoriamarxista.wixsite.com/blog-mri/post/nossa-identidade-comunista-daniel-bensaid>> . Acesso em: 05.dez.2023.

_____. **O partido e o período.** Marxismo Revolucionário Internacional, 2023. Disponível em:
<<https://teoriamarxista.wixsite.com/blog-mri/post/o-partido-e-o-periodo-daniel-bensaid>> . Acesso em: 05.dez.2023.

_____. **Os saltos! Os saltos! Os saltos! - sobre Lenin e a política.** Marxismo Revolucionário Internacional, 2020. Disponível em:
<<https://teoriamarxista.wixsite.com/blog-mri/post/os-saltos-sobre-lenin-e-a-politica-daniel-bensaid>> . Acesso em: 05.dez.2023.

_____. **Os irredutíveis:** Teoremas da resistência para o tempo presente. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **Revolução socialista e contrarrevolução burocrática.** Marxismo Revolucionário Internacional, 2020. Disponível em:
<<https://teoriamarxista.wixsite.com/blog-mri/post/revolucao-socialista-contrarrevolucao-burocratica-daniel-bensaid-1>> . Acesso em: 05.dez.2023.

_____. **Trotskismos.** Lisboa: Edições Combate, 2008.

CARMES, Émile. **An open history:** Blanqui and Bensaïd. Verso Books, 2018. Disponível em:
<<https://www.versobooks.com/en-gb/blogs/news/4135-an-open-history-blanqui-and-bensaid>> . Acesso em: 05.dez.2023.

Diálogos Ecosocialistas com a Previdência Social. In: SEFERIAN, Gustavo. Os 100 anos da Proteção ao Acidente de Trabalho no Brasil. Curitiba: Instituto Brasileiro de Direito Previdenciário, 2019. p.33-52.

Introdução Crítica À Introdução Ao Marxismo de Ernest Mandel: Trinta Anos Depois. In: BENSÁID, Daniel. Centelhas. São Paulo: Boitempo, 2017. p.133-144.

LENIN, Vladimir. **O Oportunismo e a Falência da II Internacional.** Marxists Internet Archive, 2003. Disponível em:
<<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/01/falencia.htm>> . Acesso em: 05.dez.2023.

LEWIN, Moshe. **O século soviético:** da revolução de 1917 ao colapso da URSS. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

LÖWY, Michael. **Crise Ecológica, Crise Capitalista, Crise de Civilização:** a alternativa ecosocialista. Cad CRH. Salvador, v.26, n.67, p.79–86. jan/abr. 2013.

_____. **Por um marxismo crítico.** Lutas Sociais 2004, p.21-30. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18981>> . Acesso em: 5 dez. 2023.

LUCAS, Marcílio. **A racionalização do trabalho:** questões teórico-práticas. Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo. Niterói, 28.nov.2021 até 01.dez.2021. Disponível em: <<https://www.niepmarx.blog.br/MM/MM2011/AnaisMM2011/AMC83F.pdf>>. Acesso em: 05.dez.2023.

MANDEL, Ernest. **Introdução ao marxismo.** Porto Alegre: Editora Movimento, 1982.

MARX, Karl. **As eleições na Inglaterra - Tories e Whigs.** Marxists Internet Archive, 2019. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1852/08/06.htm>>. Acesso em: 05.dez.2023.

_____. **O capital, livro III.** São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. The 'First' Draft. Marxists Internet Archive, [s.d]. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/marx/works/1881/zasulich/draft-1.htm>>. Acesso em: 05.dez.2023.

Marxismo Contra Totalitarismo. In: BENSÁID, Daniel. Centelhas. São Paulo: Boitempo, 2017. p.73-84)

Novo estudo do Greenpeace revela que número de mortes por câncer de Chernobyl pode chegar a 93 mil. Greenpeace, [S.I], 17.abr.2006. Disponível em: <<https://www.greenpeace.org/brasil/publicacoes/novo-estudo-do-greenpeace-revela-que-numero-de-mortes-por-cancer-de-chernobyl-pode-chegar-a-93-mil/>>. Acesso em: 05.dez.2023.

O início de um novo debate: o regresso da estratégia. In: BENSÁID, Daniel. Centelhas. São Paulo: Boitempo, 2017.

OLIVEIRA, Alexandre. **Relatório preliminar sobre o acidente de Chernobyl.** Área de Saúde da NUCLEBRÁS, [S.I], 1986. Disponível em: <https://inis.iaea.org/collection/NCLCollectionStore/_Public/18/060/18060524.pdf>. Acesso em: 05.dez.2023.

QOBILOV, Rustam. **A plantação de algodão que fez Mar de Aral virar deserto.** BBC News Brasil, [S.I], 26.fev.2015. Disponível em:<https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/02/150226_mar_aral_gch_lab>. Acesso em: 05.dez.2023.

SEFERIAN, Gustavo. **Da revolução inacabada à guerra ética:** Bensaïd como defensor e crítico dos direitos humanos. Século XXI, Revista de Ciências Sociais. v.10, nº1, p.103-144, jan/jun. 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/42521/2/Da%20revolu%C3%A7%C3%A3o%20inacabada%20%C3%A0%20guerra%20%C3%A9tica%20-%20BensaId%20como%20defensor%20e%20cr%C3%ADtico%20dos%20direitos%20humanos.pdf>> Acesso em: 05.dez.2023.

_____. **Onze proposições sobre o direito do trabalho desde a perspectiva ecossocialista.** Teoria Jurídica Contemporânea, v. 4, n. 1, 2019, p. 89-110.

Sobre as questões do leninismo. In: STALIN, Joseph. Obras escolhidas de J.V. Stalin (1901-1952). São Paulo: Editora Raízes da América, 2021.

TROTSKY, Leon. **A Revolução Traída.** São Paulo: Editora Sundermann, 2020.

_____. **A Teoria da Revolução Permanente: Balanço e Perspectivas.** São Paulo: Editora Sundermann, 2011.

_____. **Programa de Transição.** São Paulo: Editora Sundermann, 2017.

WATANABE, Rafael. **O Diálogo do Marx Tardio Com O Populismo Clássico: Prenúncio a Revolução Bolchevique.** Revista Urutágua, n. 37, p. 74-93, 5 mar. 2019.